

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

LIMA, Marcelo Moisés Moura. Marcelo Moisés Moura Lima (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 50min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Marcelo Moisés Moura Lima  
(depoimento, 2015)**

Rio de Janeiro

2019

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** História de vida

**Entrevistador(es):** Bernardo Buarque de Hollanda; Bruna Gottardo;

**Levantamento de dados:** Raphael Piva Favalli Favero;

**Pesquisa e elaboração do roteiro:** Raphael Piva Favalli Favero;

**Técnico de gravação:** Ninna Carneiro; Thiago Augusto Esteves Kunis;

**Local:** São Paulo - SP - Brasil;

**Data:** 28/01/2015 a 28/01/2015

**Duração:** 1h 50min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

**Temas:** Agradecimentos; Anos 1980; Casamento; Drogas; Esportes; Família; Ministério Público Estadual; Mulher; Polícia; Projetos sociais; São Paulo; Sociedade Esportiva Palmeiras ; Torcidas de futebol; Viagens e visitas; Violência;

## *Sumário*

Entrevista: 28.01.2015 Origens em São Paulo; emprego dos pais e relação com a família; a escolha da Sociedade Esportiva Palmeiras e da Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP); a ida ao seu primeiro jogo do Palmeiras e o primeiro contato com a TUP; a influência da TUP na sua formação pessoal; as bandeiras da TUP; a frequência de idas à sede; a violência nos estádios; as viagens com a torcida para assistir aos jogos; o surgimento da torcida Mancha Verde em 1983; a diretoria da TUP; a mudança de Palestra Itália para Sociedade Esportiva Palmeiras e o símbolo do periquito; a história do porco como símbolo do Palmeiras; os cânticos da torcida; a relação com as outras torcidas; a representação feminina nas torcidas; o casamento e os filhos; as mortes nas torcidas; o surgimento de um líder; a morte de “Tropeço”; a batalha campal do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu); as proibições do Ministério Público; o momento como principal referência na TUP; as sub-sedes da torcida; a relação da TUP com o carnaval; a morte e a relação com Cleofas Sóstenes Dantas da Silva (Cléo); a relação com a torcida atualmente; o desfile de carnaval da Mancha Verde e da TUP; o caso das drogas no carnaval em 2013 e a prisão do filho; o futuro das torcidas e do futebol; a falta de articulação entre torcidas; a relação da TUP com o Palmeiras; a relação com os jogadores e o episódio do Wanderson Ferreira de Oliveira (Valdívia); a relação da TUP com projetos sociais; a relação com outros esportes; a relação com a polícia; o deslocamento para os jogos; as viagens e as brigas; perspectivas na TUP; o diálogo com as novas lideranças que estão surgindo; agradecimentos finais.

*Entrevista: 28/01/2015*

Bernardo B. Holanda – Eu queria, Marcelo, te agradecer por vir aqui ao Museu do Futebol, por aceitar o nosso convite. Para a gente é uma excelente oportunidade de conhecer a sua trajetória nas arquibancadas, as suas lembranças de torcida organizada, da sua participação, seu envolvimento. Então a gente quer começar com o básico, saber onde você nasceu e em que ano.

Marcelo Lima – Eu nasci dia 12 de junho de 1966, São Paulo, capital, no bairro do Ypiranga.

B.H. – Seus pais são daqui?

M.L. – São.

B.H. – Paulistanos.

M.L. – Paulistanos.

B.H. – E o que eles faziam, trabalhavam em quê?

M.L. – Não sei. Eu sei que minha mãe trabalhava e meu pai também. Eu era muito jovem quando saí de casa. Mas meu pai trabalhava, era taxista, e minha mãe, enfermeira.

B.H. – E você saiu cedo de casa, então.

M.L. – Saí.

B.H. – E seus avós, também, eram aqui de São Paulo?

M.L. – Sim, sim.

B.H. – Você os conheceu?

M.L. – Conheci minha avó. Tanto que sou apaixonada pela minha avó até hoje. As lembranças que eu tenho mais da minha vida são da minha avó. Nem sobre pai, nada. É sobre a avó.

B.H. – E você cresceu nesse bairro ou, quando você saiu de casa, você?...

M.L. – Não. Eu cresci na Torcida Uniformizada do Palmeiras. Eu aprendi a ser homem, aprendi a viver, aprendi ter um segmento na vida do que é certo, do que é errado na Torcida Uniformizada do Palmeiras, que eu me dediquei tanto.

B.H. – E a escolha do Palmeiras como clube teve alguma influência familiar? Como é que você chegou a isso?

M.L. – Não. Porque a maioria da minha família torcia por outro time, para o time da Marginal lá. Mas a influência é que Deus, ele... ele escolhe; eu de repente fui escolhido a ser mais um palmeirense.

B.G. – Mas como você chegou na TUP? Você entrou muito novo. Quem te levou? Tinha algum conhecido seu que falava?...

M.L. – Não. Eu já estava... Eu via na televisão, tinha acho que nove, dez anos, onze anos, eu jogava bola e tal, aí eu conheci um cara que ia no jogo com o pai e fiquei acompanhando. Era muito jovem, meus pais não deixavam. Passaram-se dois, três anos, aí... enfim, acho que com doze anos, treze anos, eu fui... O meu vizinho falou que ia para o jogo e tal, falou com a minha mãe, com meu padrasto, não sei o que aconteceu que eu arrumei um meião branco, um calção verde e uma camisa do Palestra, que era um time do bairro: verde, tinha uma bolinha, a coroa – e fui para o jogo assim, não me recordo qual, mas foi no Jardim Suspenso, na época; e aquela euforia, porque na época eram muitos carros, não tinha metrô, a dificuldade era muito grande para o torcedor de periferia vir. No caso, para você ver, era de Brasília. No jogo que eu fui, fui de Brasília, zerada, então... você imagina quando saiu a Brasília. E, entrando, quando cheguei, já fiquei assustado: nossa! tanta gente, tanta gente... eu, como hoje eles dizem, parecia um baianinho. Eles falam isso daí, o cara vai de shorts, hoje, parece um baianinho. [riso] Então... A hora que eu entrei assim... lembro que eu entrei até pela Francisco Matarazzo, e, realmente, eu vi aquela floresta, porque era tudo verde assim, tudo verde, as pessoas, tudo sorrindo, o jeito antigo, e gente vendendo, “Olha o lanche, olha o lanche. Mortadela, guaraná”... Aquela feira livre. Enfim, entramos, eu fiquei atrás do gol e assistindo o jogo... Não sei se foi Palmeiras e Bangu... Não, não foi Palmeiras e Bangu, não. Foi um Palmeiras e... Misto. Foi logo... Eu não lembro assim; mas estava lotado, lotado, lotado. E eu ficava observando a TUP era... via aquela faixa, a faixa era até em cima, não eram nem embaixo das torcidas. Torcida Uniformizada do Palmeiras. Aquela... Puta! Uma puta de uma emoção. Como se você tivesse saindo da adolescência para virar homem, quando você saísse com a melhor mulher do mundo. Você imagina a satisfação que seria. [riso] E eu fiquei apaixonado, fiquei deslumbrado com o que eu estava vendo: todo mundo cantando pelo mesmo ideal; assim, eu achava que pela minha idade... Eu fiquei desesperado, cara. Aquelas bandeiras monstruosas, subia e... lindas, maravilhosas, e cantando o hino do Palmeiras, e cantando, um monte de senhoras... Aí, resumindo, o cara me levou, eu fiquei com aquilo na minha cabeça tempos. E eu não sabia nada. Eu morava perto do Zoológico, na época do Simbad Safari. Tinha acabado de sair o Simbad Safari. Para você ver como é que é. Aí eu sei que eu falei: ah, não, tenho que ir. Fiquei pesquisando, pesquisando isso. Um dia, falei para minha mãe que ia para a escola, (lembro como se fosse hoje) peguei o ônibus Parque

D.Pedro, da viação Bristol... cheguei no Parque D. Pedro, andei até a Barão de Paranapiacaba, aí, no sétimo andar, aquelas... (os detalhes) aqueles elevador com aquelas grades – plá! – já saí prendendo meu dedo; falei: meu Deus do céu! Eu com aquela cara de bunda, moleque novo, com o cabelinho todo assim, parecia um ranhento... E falei: “Putá. O que é que eu vou falar para minha mãe, que eu não fui para a escola?” Aí eu entro, tem logo uma velha. Dona Edi já era velha naquela época. Morreu faz pouco tempo.

B.H. – Quem?

M.L. – Dona Edi, Dona Edi Pascucci. Aí eu entrei lá, falei: puta, uma torcida com uma velha. Fui bem recebido. Ela me chamou, tal. Fui numa alegria tão grande que eu já queria... Porque eu peguei, roubei o dinheiro do meu pai, do meu padrasto. Falei: “Ah. Já vou com dinheiro... (na época era cruzeiro) – eu vou com dinheiro, que eu vou comprar minha camisa”. Fui, babando. Aí...nem sabia escrever direito, fiz uma fichinha... Quando ela falou que eu tinha que voltar com meus pais, eu... Foi a verdadeira cachoeira de água super gelada. Falou: “Você tem que trazer seus pais para assinar a ficha”. Falei: “Putá. Não estou acreditando, *meu*, que eu estou fugindo de casa para poder fazer uma inscrição numa torcida de futebol organizada, eu tenho que trazer meu pai, que não está nem aí, nem minha mãe, muito menos; vai falar: “você é louco? Vai nesses lugar aí”. Falei: está bom. Aí já começou a máquina das coisas ruins. Peguei, falei: “Não. Está bom, senhora. Vou levar para os meus pais assinarem”. Já peguei, desci lá embaixo... Mulher burra *pra* caramba também, que ela viu o tempo que eu desci, assinei e voltei, não deu tempo para ir para minha casa. [riso] Aí fui lá embaixo, falei para o cara, que tinha uma... do lado assim tinha uma pastelaria, vendia caldo de cana —, falei: “Senhora, a senhora pode assinar aqui para mim?” e tal. Bebaça a mulher, na época, lá, usava até bobs ainda, aqueles bobs... Ela assinou, eu levando lá, tal... Aí falei: agora vai. “Quanto é?” – Tanto. Aí eu olhava a camisa... eu falei: meu Deus do céu! Aquela camisa, aquele bordado duplo aqui... Até hoje, assim, me deixa emocionado. Acho que até hoje... em partes, quase acabou com a minha vida, mas também... como se fala? – teve muitas coisas boas, foi...

B.H. – Esse período que você começou a frequentar estádios, o Palmeiras acabava... bom, tinha sido bicampeão brasileiro, campeão paulista...

M.L. – Não. Sim. O Palmeiras, ele vinha da época da academia, ainda ficava lá em cima daquela... dos gambá lá, de ficar na fila. Era uma... A gente era chamado de porco. Enfim. Aí, eu estava na sede, entrei, comprei a camisa, e aí começou o inferno na minha vida.

B.H. – E, nessa época, a TUP era a única torcida do Palmeiras? Ou havia outras?

M.L. – Não. Para mim, ela... não nessa época, para mim, a TUP ainda é a única torcida do Palmeiras. Porque são momentos de futebol diferentes, são fases diferentes. Eu tenho certeza que, na sua vida, você guarda a melhor fase do bem, não do mal. E eu guardo a fase da TUP como do bem. Para mim, ela... a TUP é a maior torcida existente, que fez o bem para o associado, porque ela é a mais vibrante, porque ela tem uma sequência de vitórias na arquibancada; a TUP me ensinou a ser homem, eu ensinei ao meu filho, ao menino que eu considero como meu filho; eu tive todas as atitudes, sempre, uma postura dentro da torcida, aonde a diretoria, ela pregava para a gente estudar, trabalhar, e jamais a gente denegrir o nome da Sociedade Desportiva Palmeiras. Então acho que, se eu estivesse em outra torcida, eu poderia estar morto, ou uma educação pior, educação para passar para o torcedor que, futuramente, está entrando na torcida. Então, para mim, a TUP é a única, porque... É a mesma coisa. Você tem que guardar os bons momentos da vida, não as piores partes. A TUP, as minhas lembranças são, simplesmente, uma torcidinha que levou duzentas modelos no jogo, uma torcidinha que foi com quarenta ônibus para o Maracanã, uma torcidinha que inventou a fumaça, inventou tudo que as outras torcidas grandes, gigantes, maiores, maravilhosas fazem hoje, foi copiado de uma torcidinha de nome Torcida Uniformizada do Palmeiras, que ela é verdadeiramente a pioneira.

B.H. – Então nessa época, quando você entrou na TUP, quem eram as referências? Você mencionou essa senhora. Quem eram as referências, na torcida, que estavam na liderança, que de fato...

M.L. – Para mim? O símbolo do Palmeiras é a sigla TUP. Eu ia no jogo, eu ficava obcecado, eu ia no jogo – nossa! – eu chegava três, quatro horas antes, escolhia a minha bandeira; e todo jogo eu ia com a mesma bandeira, que até hoje, coincidentemente, essa bandeira se encontra na quadra. Eu nunca falei isso, nem para eles, mas é... É que a gente se emociona, que a gente vê tantas mortes, tantas coisas, como você fala, dos dois lados. E eu me emociono por evitar de ter acontecido um monte de morte na TUP. É uma bandeira oficial do Palmeiras que...ela está na quadra, essa aí, pintada. Essa é a bandeira que eu sempre... todo jogo... acho que tem até o número ainda, embaixinho assim, deve ter. Todo jogo, eu chegava lá, se alguém pegava, o couro comia. Eu quero minha bandeira. Só apanhava. Eu era pequenininho... Aí todo jogo, eu ia, pegava aquela bandeira. Eu me identificava muito, porque eu não... Eu era muito tímido. Eu queria ir para o jogo ver o Palmeiras e ficar tremulando a bandeira. Aí eu via, aí eu

aprendi a fazer *assim* com as bandeiras, aprendi a fazer *assim*. Aí chegou uma hora, eu falei: “Nossa. Sou um camelo. Não vou fazer mais bosta nenhuma”.

B.H. – E naquela época as bandeiras tinham... o mastro era um bambu, era...

M.L. – É. Como sempre, as da TUP – estou te falando, é só você pesquisar, vocês podem procurar, as bandeiras da TUP eram as melhores, as mais bonitas e as mais bem confeccionadas. Eu lembro que era a tia Lurdes, a dona Odete e mais uma outra senhora, que elas... A gente comprava o tecido, vinha nas costas, era de ônibus, andava que nem um camelo; chega lá, tiazinha cortava os quadradinhos, tudo bonitinho. Um trabalho muito bonito.

B.G. – Quando você entra na TUP você tem mais ou menos treze anos.

M.L. – É.

B.G. – E como é? Você começa a frequentar todo dia?

B.H. – Já tinha a sede da torcida.?

M.L. – Não. Sim. Tinha a sede na Barão de Paranapiacaba, só que tinha horário. Só que aí, depois, eu começo a fazer as amizades. Aí comecei a arrumar trabalho, estudar, mas todo dia... É um vício. Na realidade, assim, eu estava considerando, depois de algumas tragédias que aconteceram, seria um vício de um crack. Para o viciado, ele é gostoso mas te leva à morte. E, hoje, a torcida organizada é um crack. Mas na época não. Na época, nós íamos para o jogo, se encontrava ali, não tinha... brigava, brigava mesmo, bati mesmo, bati muito mesmo, apanhei também, mas nunca a gente foi covarde, nós da turma nunca deixava ninguém bater até a morte, muito menos roubar o tênis. Mas era uma briga de... de momento, não que se arrastava para a vida do dia a dia.

B.H. – Você mencionou que nessa primeira partida que você foi, que você estava com o uniforme do time do bairro. Você jogava futebol?

M.L. – Não. Eu queria uma camisa do Palmeiras. Eu não tinha dinheiro, o cara falou: “ah, tem essa aqui do time”; eu sei que era pequenininha, eu peguei, coloquei. E acho que tinha acabado de ter jogo, no sábado, estava um cheiro desgraçado a camisa. [risos]

B.H. – E você falou que esse dia que você enganou a sua mãe dizendo que ia para a escola... Você estudou até que série?

M.L. – Então. Por causa disso, eu estudei só até a sexta série, porque depois eu fiquei obcecado, cara, aí eu começava a jogar bola na escola para não poder não ir. Aí o professor falou: “Você joga bola aqui. Não vai.” Aí, quando você vê, você já está... acabou, você já está



corroído, você já está dentro de um sistema que é mentiroso. Porque você se dedica ao clube... Até a fase da diretoria passada, era até mais maleável, porque... o maior sonho de todo torcedor é conhecer o estádio Palestra Itália, e, por intermédio da TUP, eu fui um dos primeiro a entrar lá, ver aqueles troféu Ramon Carranza *desse* tamanho, coisas que vários times nunca viu na vida, coisas... A sala, eu estou falando do Palmeiras, eu tão pequenininho, e entrava lá e eu via – nossa! Nicolas Racioppi, os presidentes do Palmeiras, Nelson Duque, Januário D’Alessio , o... puta, como é que é o nome lá?... o Bola Sete... que é Paschoal Walter Byran Giuliano, Luis Pompeu... Vi todos os... Nossa. Jorge Mendonça, eu vi Ademir da Guia, Tutu, criancinha, pequenininho, eu vi Dario, Gato Fernandez, Vargas, vários tipos horríveis também. Carlos Bernardo Facchina Nunes, o Faquinão, o único dirigente que abriu a porta: “entre e bate e quebra tudo”. [risos] Abriu o portão lá, entramos, batemos em todo mundo. Mas era um futebol assim, que nem uma boa parte da imprensa fala que... até hoje eu vejo uma parte da imprensa falando que as torcidas são financiadas para poder... para poder quebrar as coisas. Isso eu não... pelo menos a gente não... ninguém ainda chegou com uma proposta dessa para nós, para quebrar nada. Porque... Eu acho que não. O que acontece mesmo é que os caras ficam arrumando desculpa do mau planejamento, de não conhecer o futebol, de achar que o futebol é como cinema, é só você chegar lá, sentar – que nem os meninos estão aí – com um saquinho de pipoca e fazer assim: uh...uh... você levanta... Não é. Futebol é a alegria do povo. O futebol é aonde... O país não estava dessa forma, porque o futebol, você extravasava. O cara ia lá, ele bebia, ele tocava, ele sentava com um monte de bandeira, você arrumava afazer para você fazer. Hoje não, você vai lá, para você montar uma torcida, para você montar uma torcida que nem na época que eu estou te falando que eu fui, nesse primeiro jogo, logo depois, eu fui no Palmeiras e... sei lá quem, eu sei que eu cheguei todo esperançoso... malandro, eu fiquei três horas lá, para os caras montar a bandeira: amarra a bandeira, tira a bandeira, dá o RG, fica na fila, vem para cá, e separa o papel picado, quem traz papel picado, papel higiênico. E a TUP, ela sempre inovava. Por isso que eu falo, eu quero que traga alguém aqui de torcida que fale para mim que não copiou da gente, ou o papel, ou o papel higiênico, ou a fumaça, ou aquelas tiras. É só você ver. As imagens não negam nada. Então isso, isso ocupava o torcedor organizado. Então, você queria sair da sua casa cedo, que nem no meu caso, não tinha metrô, eu demorava três horas, duas horas até o centro, duas horas e meia, três horas, do centro até o Parque Antártica, mais uma hora. Quando eu chegava, eu chegava já morrendo de fome, os caras não dava nada, então você

tinha que se virar e comer aqueles lanchinho que vinha uma mortadela dentro, duas fatias só, que o cara tocava caixa para nós, você comprava um, vinha quatro, e ficava separando, arrumando as bandeira e... e uma ocupação. É como se fosse uma terapia. O cara fica louco, os caras não põem ele para fazer terapia? Hoje não tem mais a terapia, os caras querem explodir. O cara sai lá do Grajaú, vem para cá, pega... gasta dinheiro de ônibus... cada um é... dos seus atos, ele chega, vai explodir, quer extravasar. Hoje, o futebol é para você arrancar o... os caras sai se matando mesmo, gosta de se pegar mesmo, porque não tem vontade, não tem desejo. Você vai no jogo, que nem nós vamos na Arena, primeiro não podia fumar, agora todo mundo fuma, você não pode ir no banheiro, você não pode não sei o quê, você tem que chegar duas horas antes do jogo, você não pode entrar com... para entrar com uma baqueta, você tem que escrever o nome na baqueta; só que o jogador que dá uma outra entrada violenta no cara, na qual quebra a perna, ou faz *assim* para a torcida organizada teria que ser penalizado como a gente se jogar uma baqueta. Isso não acontece. Então a gente... Eu mesmo vou por culpa dos menino, o meu filho, eu trato ele como os menino, como diretor, e é o que leva, porque eles sabem mesmo que eu não tenho mais... Porque é muita mentira. É muita mentira de todos os lados. As coisas só acontecem quando há interesse. A partir do momento que não há mais interesse em eles deixar o torcedor organizado em paz, justamente para tirar o foco da política, de tudo que acontece. É só você ver. Quando estoura alguma coisa nacional, ou aqui em São Paulo, os cara, eles abrem uma brecha, para ter um confronto entre torcidas organizadas, na qual vai sair a tensão. Então, todo escândalo, ele é apa... você pode ter certeza, ele é apagado com uma matéria de violência de torcida organizada. Se amanhã dá um chute na bunda do Marcelinho e ele cair, bater a cabeça, e tiver quinhentos caras na cidade quebrando tudo, requisitando... requisitando o abaixo da condução da forma deles, (muitos que estava lá têm carro, nem ônibus pega, os caras não sabem nem o que estão falando), pode ter certeza que eles vão deixar de focar na cidade, que quebrou inteira, e sim no Marcelinho que caiu. Então hoje, torcida organizada, ele é o foco da desculpa. O cara roubou ali, o governo roubou aqui, e aí arruma uma desculpa, abre os portões, a torcida se mata... está ali. Tanto que... Eles são tão cientes disso que você não vê ninguém penalizado, de torcida. Eles precisam jantar, eles precisam de uma matéria. Eles não precisam de uma resposta. Eles querem a matéria. Eles querem ver os cara caído no chão. Eles não pesquisa por quê. Porque o cara que está morto morreu, o cara que matou está solto, e não acontece nada. E não se fala mais nisso.

B.H. – Você falou que já desde o início o seu envolvimento foi muito grande com a torcida, você passou, de fato, a frequentar todos os jogos. Você lembra a primeira vez que você viajou com a torcida?

M.L. – Lembro. Quer dizer, eu não lembro, mas eu sei que eu viajei. Os ônibus era... era muito antigo. Eu viajei naquela [Sabetour], Itapemirim... Fiz muitas viagens.

B.H. – Já tinha o campeonato brasileiro, então, quando o Palmeiras jogava fora...

M.L. – Sim, sim. Mas as torcidas não acompanhava tanto, na época. O campeonato paulista era mais forte que o brasileiro. Aliás, é uma... O campeonato paulista era maravilhoso, cara. Eu sei que eu viajei, cara, o estado inteiro. Taquaritinga... Eu conheci cada lugar que nunca tinha visto na minha vida. E era maravilhoso, porque você ia, você vê uma cidade inteira te xingando de porco, ou uma cidade inteira te recepcionando, e as pessoas... Hoje em dia, eles acabaram até com a graça do futebol, que é o futebol paulista; eu acho que nós paulistas teria que ser a maior vitrine do futebol brasileiro. Porque hoje você vê um monte de clubes aí do interior, que nem Inter de Limeira, a gente foi, parece o campo do... sei lá, do pior time aqui de São Paulo, que nem o [CDMS] daqui está igual ao estádio do Inter de Limeira. Então, por isso que o futebol já não revela já tantas pessoas. E não viajava tanto no brasileiro porque era muito longe e, na época, os ônibus era meio... meio velhinho.

B.H. – Isso nos anos 80, você passa... Qual o momento que você passa a ser?...

M.L. – Não. Aí eu quis ser brigador. Que todo mundo brigava, eu falei: agora é comigo.

B.H. – Bom. Em 83 tem o surgimento da Mancha Verde. Isso tem alguma implicação na relação?...

M.L. – Não, nenhuma. Nenhuma. O que aconteceu na época foi porque a... É o tal negócio. Eu acho que o Reginaldo, da Mancha, ele colocou lá que... a própria diretoria da TUP, também, ela vinha numa... era muito fácil, ela recebia uma cota de ingresso do Palmeiras, pagava, a TUP pagava, só que a diretoria da TUP, eles eram muito inteligentes, eram empresários, era na época do Banco Francês e Brasileiro, aplicavam o dinheiro, esse dinheiro era investido em ingressos, aí o associado pagava uma mensalidade e ganhava ingresso [para] todo jogo. Então o... o que aconteceu de um tempo para cá foi isso aí. E a TUP... Isso aí mudou toda a... as pessoas foram envelhecendo... porque hoje em dia, entre você colocar um carro antigo... um carro esporte aqui e um carro comum, o pessoal vai querer o carro esporte, que gasta mais, o carro comum fica para trás. E a diretoria da TUP se tornou comum. Ela não queria – não tiro a razão, não critico, mas era... começou a se desfazer, pelas pessoas serem

de idade, terem um comprometimento muito maior do que muitos de torcida organizada no dia de hoje; era uma diretoria que dava de trinta a zero em qualquer diretor de torcida de futebol hoje. Porque tudo que eu aprendi, aprendi com eles. Porém, tinha algumas coisas que eu não gostava; que eu acho que hoje eles estão certo.

B.H. – Você lembra, eles quem? Quem eram, nessa época?

M.L. – Não. Eu falo em termos da diretoria, que eram vários. Não gosto de citar nome porque a gente acaba esquecendo alguém, mas eles, quando virem essa matéria, eles vão saber que são eles; que era... que eu peguei duas ou três gestões de diretoria, que eles falavam: “você tem que vir para o jogo, torce para o Palmeiras, aprende a amar o clube, isso, isso, e volta para sua casa”. E foi dessa forma que eu aprendi. Então eles não gostavam de saque, de roubo. Tudo que você vê, que achavam que era errado numa torcida organizada, a TUP, ela não tinha essa, ou você faz o que os cara quer ou não está junto. Você chegar lá, xingar, falar... tipo assim, eu aprendi nunca tirar fácil o Palmeiras perdendo, aprendi que, mesmo o Palmeiras perdendo, a gente não deveria xingar o time, porque a paixão não é ao ser humano e sim a uma instituição como o Palmeiras; era em respeito ao símbolo, que a gente está torcendo por... é como se fosse o nosso coração, a forma de se aprender. E fui mudando. Acabava... As pessoas acabaram indo, e levavam os filhos, de que o futebol não era tão violento, não era tão caro. O futebol não era tão caro, e... acabou, sei lá, foi do nada. Aí surgiu a Mancha, para mim é como surgir qualquer outra torcida. Era a mesma coisa. Tinha um [pálio], aí surgiu o [pálio], e vai renovando, amigão.

B.H. – Você lembra quando você se tornou?...

M.L. – Só que a história é essa. Você lembra do Fusca? Um Fusca é imortal. Você lembra daquele gibi *O Fantasma*? Nós somos o Fantasma, nós somos imortal. Enquanto no alfabeto tiver as três letras t, u, p, nós somos... nós vamos existir. Isso ninguém tira da gente. [riso] Não é verdade?

B.H. – No site da torcida, quando conta da história, se refere a um grupo de estudantes do Colégio Dante Alighieri que, em 1970, 1969, 70...

M.L. – É, legal, pô, da hora.

B.H. – É isso mesmo.

M.L. – É isso mesmo, é. Tinha vários assim. Eu sei da história. Só que a história, quem tem feito, de lá para cá, somos nós.

B.H. – Quando você se tornou associado, quantos integrantes tinha a TUP, você lembra, mais ou menos?...

M.L. – Eu acho que era a maior do estado. Mas é por culpa da facilidade do ingresso também. E o Palmeiras era um puta de um time. Era gigante. Era muita gente. Porque todo mundo... você pagava, suponhamos, vinte reais, vinte cruzeiro por mês e você ganhava ingresso todo jogo. É como o Avante hoje. A TUP já tinha lançado o Avante em 80, em 70. [riso]

B.H. – E a torcida manteve até hoje (a gente estava conversando antes de iniciar a gravação) o símbolo do periquito, que remonta ao momento em que o Palmeiras deixou de ser Palestra Itália, depois da Segunda Guerra, e se tornou Sociedade Esportiva Palmeiras. E aí, justamente, para o símbolo que complementa a árvore, era o periquito. Vocês, até hoje, mantiveram.

M.L. – Ah, sim. Porque... É exatamente essa a verdadeira história. O Palmeiras, ele vem... [a respeito da árvore], dizem assim, e o periquito é que fica mais na palmeira, se você analisar. Na realidade, quando eu entrei, já estava. E a história da TUP, é torcida uniformizada do Palmeiras, não que ela é *do* Palmeiras, que um monte de imbecil mal informado fala: não, torcida uniformizada quem é do Palmeiras, [são eles que manda]. Não. Eu tenho dó desses caras, porque são... Não tem nem palavra. Porque é uma torcida que ela é prestada para a Sociedade Esportiva Palmeiras, é torcida organizada do Palmeiras, que é exclusivamente do Palmeiras, não tem que tirar o foco, para brigar ou ter escola de samba. Na época, o aprendizado foi esse. E o periquito, logicamente, como a gente usaria os símbolos, eu acho que nada melhor.

B.H. – Vocês mantiveram ele até hoje. Mesmo...

M.L. – Até hoje. Às vezes ele fica bombado, às vezes ele engorda, às vezes ele...ele volta ao normal... [risos] Depende. Tem vários tipos. Cachimbo. Mas hoje é pedra, maconha, tem tudo isso aí. Nós tiramos o cachimbo porque os caras falavam: o periquito está fumando pedra. [risos] Aí os caras já colocou um baseado. Mas assim, estou brincando, essa história, que cada um fala uma coisa. Os caras viram o periquito com o cachimbo, que é a história do cachimbo, os caras já falavam a gente como drogado. Tanto que, existem algumas mudanças, mas eles mesmos, que são jovens, eles mesmos preferem o periquito tradicional, que é esse *aqui*. Tem alguns legal, que é o segundo e terceiro plano, que é o periquito fortão, musculoso. Mas na nossas vidas, o ensinamento que nós damos lá na torcida é isso, é a tradição.

B.H. – O porco vocês não adotaram como mascote.

M.L. – Não. A gente só adota... só no natal assim, quando faz um leitão... Mas não tem nada a ver, o porco. Aliás, o porco, ele... Existia um conselheiro do Palmeiras que ele era do...da... acho que era do [papais], João Roberto Lobato, ele... os gambá chamava nós de porco, era briga, você chamava de porco, era briga, o cara jogava um porco no campo, meu Deus do céu... filha da... Sabe? São os palavrões que você tinha. [risos] Aí, chamava de porco, e o cara brigava, porque eles também jogava... eles que enchia o saco, esse... que é pai até o Lobato, ele me chamou: “Marcelinho, vem cá. Eu estou com dez mil casal de porco e... pô, e leitoa”. “Você é louco, cara”. Eu me lembro, quando estava na mesa assim, aquela mesa do escritório dele... Nossa. Até [aguinha] os caras serviam lá. Falei: “Nossa. Estou chique”. Aí ele mostrou os porquinhos de porcelana, desse tamanhozinho assim. Acho que... Depois, eu tenho que falar para ver se alguém tem. Era uma leitoazinha com a sainha assim, verde e branca, camisa do Palmeiras, e o porco. E ele explicou. Só que os caras chamam a gente tanto de porco... Porque eu também não entendia. Mas eu falei: “Mas Lobato, por que é que tem a ver porco?” “Porque o porco é... Como o Palmeiras, ele vem de uma colônia italiana, e são duas partes, tem a parte do gambá, que é... a Sicília, (sei lá o nome), lá do Bom Retiro, que são diferentes, lá da Itália; e a parte do Palmeiras, é que os italianos comiam aquelas macarronadas e deixava cair tudo aqui, e bla, bla... aqueles suspensório, aquele jeito deles, mafioso, aqueles pãozinho, sabe?, então aí os caras se pegava nessa aí. E a gente não aceita, tal... Para combater isso aí, Marcelinho, preciso da sua ajuda. Estou te doando cinco mil casal de porco”. “Ah, o mano...” Quase falei para ele enfiar o porco no... Pega o porco e vai embora, você e o porco. Aí eu não falei. “Putá, legal a ideia”. Mas nem encostei no porco, porque eu já estava traumatizado; você saía na rua, “olha aí, porco”; chamava de porco, já saía se matando, chamava de porco, você saía se matando. E ele era do marketing na época. Resumindo. Eu fui para casa, voltei, pensei, troquei ideia com os cara, os caras mandou todo mundo para aquele lugar... Eu falei: “Ah. Já que eles não querem, agora eu quero”. Fui lá com o cara, peguei tudo, um monte de porquinho. Eu sei que joguei... caiu um monte. Aí eu: “Mas por que você quer que eu faça essa divulgação?” “Porque o porco, ele é o maior reprodutor. O porco, ele é desesperadamente apaixonado por sexo”. É verdade. O porco é o maior reprodutor, é o maior transador que existe. [risos] É verdade. Ele queria... Aí ele usou... Vocês estão dando risada de mim, de uma história que é verdade? [risos]

B.H. – Não, não. Eu não conhecia essa história.

M.L. – É. Mas é verdade. Se você vê o porco... O porco é o porco, *meu*. Se precisar, chama um porco. E o porco é o maior reprodutor. E ele me contou e me mostrou aquele porquinho com cara de salsicha, amarrado, sabe, aqueles negócio, a historinha, o porquinho pegando a porquinha, e não sei o quê... E eu falei: “Putá, mano. Isso aí, os caras vai me... Quando eu chegar com esses porquinho lá...” Tanto que ele mandou fazer adesivo depois. Um porco em cima de uma porca, do símbolo do Palmeiras. E tipo assim: a gente reproduz... Tipo pegador mesmo. O porco era o pegador. Eu sei que nessa história toda, levou os porco, começou a vender... Aí, eis que um dia o cara falou assim: “Olha. Agora, o próximo passo, nós vamos chamar eles de gambá”. “Mas por quê?” “Porque os cara é muito fedido, não é, Marcelo. Pega o ônibus, o cara está com a camisa...” Era uma puta rivalidade. E eles só chamam a gente de porco. Você pode ter certeza que, na entrevista dos camaradas que veio aqui, só se tratou a gente como porco. Não teve uma palavra Palmeiras. Pesquisa. Pesquisa. [riso] Aí, você está lá, você olha assim, coincidentemente, os caras eram corinthianos, você olhava, falava: “Nossa!” Aí ficava nessa aí. [riso] Aí começou. Aí que a gente foi... É verdade. Você olhava assim um cara... é um corinthiano. Você olhava... Sei lá. Está o cara lá. O cara ia preso. Quem é que era? Um gambá, cara. E aí ficou... Eu achei que foi um jogo... Ficou aquela fase. E foi mudando, e não sei o quê. Aí jogou Palmeiras e gambá, no Morumbi, e eu não sei como esses cara, desgraçado... eu sei que nós passamos a noite toda procurando eles lá, e eles procurando a gente... A gente entrou, um monte de caixas de fogos, entrava com fogos, se escondia, entrava com os negócios, e eles estavam muito quietos: “esses desgraçados levaram um gambá... um gambá não, um porquinho, no jogo”. Palmeiras e Corinthians. Até, na época, puta, eu não sei nem o time que esses caras tinham. Eu sei que eles levaram. Do nada assim, eis que aparece, sai o porquinho correndo no campo. Aí, mano, aí... você é louco. Você é louco. Acho que os cara até...

B.H. – Isso era Morumbi ou Pacaembu?

M.L. – Morumbi. Morumbi. O porquinho da história, foi Morumbi. Acho que os cara até vibraram, soltando rojão... Aí nós entupia um rojão e deixava do lado deles, porque sabia que eles iam pegar. Eu sei que no mesmo dia, a gente entupiu os rojão, os caras achavam que era deles, ia lá pegava, estourava... Machucou um monte de gente. [riso] E eles soltaram essa do porco, onde todo mundo ficou enfurecido. Eu acho que foi a primeira vez que a torcida do Palmeiras conseguiu, tipo assim, em termos de briga, agredir a torcida do Corinthians violentamente, porque aquilo marcou todo mundo. Os caras chamando uma instituição com



um nome tão forte assim, tão amado, como a Sociedade Esportiva Palmeiras, de porco, aonde hoje tem bastante Silva, José, o Palmeiras, não tem mais aqueles nomes italianos. E isso mexeu com todo mundo. Aí foi quando começou. Aí, depois, no outro jogo, nós levamos um gambazinho e começamos a gritar: “*Poorco*. E dá-lhe porco, e dá-lhe porco, olé, olé, olá”. Aí começou. Não que nós aceitamos. Nós não se acostumamos. Nosso símbolo, para nós, é o símbolo do Palmeiras e todos os anteriores, e o periquito.

B.H. – Você mencionou aí esses gritos. Antes, quando você chegou na torcida, você lambra quais eram os cânticos da torcida?

M.L. – Lembro. *Palmeiras*. [riso]

B.H. – Só tinha isso.

M.L. – *Palmeiras*. Tinha. *E dá-lhe porco*. Tinha um monte. Tinha um monte. Quer dizer, acho que nós nem mudamos muito, ainda. Nós não somos o Roberto Carlos das torcida. [riso] O negócio está feio, de música.

B.H. – Vocês não curtiam inventar música.

M.L. – Não. Agora, agora o Marcelinho ali está inventando algumas, mas está terrível. A voz dele, mano, me mata. [risos] Não. Mas está saindo. Está saindo.

B.H. – Marcelo, quando você chegou, então, no Palmeiras, era esse período áureo da academia, dos títulos brasileiros, do... Depois veio, também, um período de...

M.L. – Não. Depois veio o pior...

B.H. – Um período crítico. Como é que foi atravessar esse período, até voltar a se encontrar com as vitórias?

M.L. – É a mesma coisa que você casar com mulher feia e amar ela o resto da vida. Não tem mais jeito. [risos] Você vai sofrer sempre. Então... É a mesma coisa. A gente tem que... Porque a gente é palmeirense para ser palmeirense. Como eu falei, é uma dádiva de Deus, que escolheu a gente. Então, para nós, a boa fase e a má fase, a gente tem que estar perto. Principalmente, a gente exige da TUP que esteja presente nas piores fases, porque é aonde mais nós precisamos de... o Palmeiras precisa de carinho. Porque tudo na vida de cada um aqui, você pode ter certeza, quem tem altos e baixos, quando você mais precisou de alguém, as pessoas viram as costas.

B.H. – Quando você chegou na TUP, só para entender, já havia amizade de torcidas com outras torcidas? Já havia inimizade? Claro, com o Corinthians, não precisa nem perguntar. Mas como é que era?...



M.L. – Não. Eu já entrei odiando todo mundo. Queria saber de nada. Já não gostava de ninguém. [riso] Ah. Mas não tinha...

B.H. – Mas depois vocês fizeram com o Vasco. Já existia alguma amizade com o Vasco?

M.L. – Não. Com o Vasco... Para você ver. Na realidade, a amizade da torcida do Palmeiras, se eu não me engano, os caras da TUP, era com o Flamengo, em 76, alguma coisa, era assim de negócio. E, aliás, eu nem sei, começou com o Vasco, porque a gente... nós fomos num jogo, esse mesmo cara que me levou quando eu era criança, tinha essa Brasília ainda, nós fomos numa final Vasco e Flamengo. Fui eu, o finado Cléo, Moacir, o Cilindro e Adalberto...Alberto, que morreu. Morreu dois, um tomou tiro, quase morreu, eu estou vivo ainda. Nós levamos... Nossa. Para você ver. São Januário, aquela favela lá atrás, não era favela, era só mato. E aí começou. A gente foi nos jogos e... não tem muito que... A gente queria pegar as meninas dos cara lá no Rio, os cara veio pegar as nossas aqui. Coisa de... Porque a torcida, ela tem um lado bom desse negócio. Não assim, que as mulheres são vulgares. Mas não, porque as mulheres de torcida são as mais... Eu respeito muito, muito, porque é muito difícil uma mulher estar dentro de uma instituição onde só tem homem e se preservar. Porque quando a mulher não presta, ela não presta na torcida, no movimento funk, no movimento... Tudo. Você entendeu?

B.H. – Sempre foram minoritárias as mulheres de torcida.

M.L. – Sim. Elas não foram valorizadas. Porque os cara acham que... sei lá. Então, nós íamos, a hora que a gente conheceu essa moça, a Nice, que ela era da Young Flu... Você imagina, as garotas na praia... Tem até uma foto. Se você vê, eu pareço uma...uma lombriga.[risos]

Nossa. Totalmente cafona. Aquele cabelão, aquele shorts. Nossa! Então a gente ia pela amizade, para fazer amizade, tomar uma cerveja e... E começou aí. Eu não me recordo muito esse negócio, que eu não fiquei, não sou muito de ficar indo em torcidas de fora. Não tenho...

B.H. – Com o Atlético Mineiro, por exemplo, já existia?

M.L. – Ah, tem, tem. Tem. Eu não sei, eu não sei falar como, porque eu nunca me interessei. Eu me interesse se... é reciprocidade: os caras recebeu a gente bem lá, eu recebo bem aqui. Então... Tudo que é a primeira vez é da hora, a segunda vez é *legal*, na terceira, já enche o saco.

B.H. – E aí então, vocês passaram esses anos 80... Passou a primeira geração da torcida...

M.L. – Está na fase, como você falou, do futebol. Foi uma fase dos dezesseis anos de fila, aonde o Palmeiras teve um maior investimento; são pessoas que... diretoria que era

apaixonada pelo clube, que amava mesmo, mas não *manjava* do futebol e não tinha tantos valores, e tinha que passar por tudo isso. Mas ainda eu vejo milhares de amigos, ainda, dessa época. Ninguém abandonou o barco. Só os que casavam ou os que arrumavam uma mulher, falava “não vou mais no jogo, vou casar”. Aí depois o cara voltava: “Putá. Separei.”

B.H. – Você não se casou.

M.L. – Me casei, pô.

B.H. – Se casou.

M.L. – Me casei, mas nunca me separei do Palmeiras. Só me separei da mulher. [riso]

B.H. – E teve o Marcelinho, que...

M.L. – Teve o Marcelinho. Eu tenho um filho que é da Gaviões da Fiel, Rafael.

B.H. – Sério?

M.L. – Sério. Eu não posso? Você não namoraria com uma vascaína? Não?

B.H. – Sim, namoraria. [riso]

M.L. – Então. Isso são coisas... Futebol é futebol, o resto é à parte. Não tem isso. E, hoje, eu acho que ele é diretor de Patrimônio da Gaviões.

B.H. – Rafael.

M.L. – É. Posso tossir?

B.H. – Claro.

M.L. – Eu queria água. Bom. Eu tenho ele, tenho o Rafael. E não separo, porque é o vício, cara, é gostoso. Eu, na realidade, eu nem queria ir mais, porque não tem... futebol, hoje, é um lixo, as torcidas são piores ainda, os caras querem esconder a verdade; e toda torcida é o que a liderança é. Se você tiver uma liderança... É como o governo. Se você tiver um governo bom, não faltava água, porque já foi avisado há dez anos atrás. E as torcidas organizadas, a gente já está avisando, também, há dez anos atrás, que o negócio está...vai degradingolar. É governo. É um governo separado. Você fala de torcida, presidente, mas não, é o governador, é o presidente, tem o governador, o prefeito, porque a torcida é igual. Os caras falam o que deve ter, os caras regem sua vida. Você não vai fazer isso. Acabou. É como o governo. Você não vai tomar banho e acabou. Ninguém vai tomar banho. A vida do torcedor organizado, ela é uma ditadura. Mas graças ao bom Deus eu... Eu devo ter feito muitas coisas ruins, mas eu vou carregar comigo nunca ter matado ninguém... tipo assim, os associados da TUP ter morrido, o filho de algum amigo meu – eu fiz isso uma vez só na minha vida e jurei perante a Deus que nunca mais eu faria isso —, ir na casa de um associado para avisar que o filho foi

morto num jogo de futebol. Então para mim, eu não sei quanto aos outros caras que vieram aqui, eu me emociono mesmo, porque eu não sou de ficar mentindo, ficar contando parte boa: que... é, não sei o quê, que futebol tem que ter um banheiro... Não quero nem saber nada disso. Quero ir para o jogo, tocar meu surdo lá, e as bandeiras, gritar Palmeiras e ir embora; mas vivo, e os meninos, tudo vivo. Porque há milhares de corintianos, palmeirenses, santista, flamenguista, botafoguense, são-paulino que voltam para casa mutilado e perde quinze anos de vida, e ninguém está nem aí, principalmente os líderes de torcida organizada.

B.G. – Já que você está falando de liderança... Você pega um período, anos 80 assim, que começa a formar esses novos líderes. Como isso funcionou dentro da TUP? Como foi surgindo um novo líder?

M.L. – É assim. O líder, ele, às vezes, não é nem formado, o líder, ele aparece por si próprio, ele não tem que ser escolhido. Porque o líder é a formação do tratamento... na TUP, principalmente, a liderança, ela... onde todos têm que cumprimentar a todos, todos têm que ter humildade; nós não temos mensalidade, todos têm que ajudar o próximo. E como a TUP não foi uma torcida que ela foi fundada e criada para treinar chuteboxe, para treinar artes marciais, a gente foi... a torcida, é uma torcida fundada exclusivamente para o futebol. Então, o que eu aprendi eu passei para os caras; às vezes, para algumas pessoas que eram bunda mole no bairro, que eram... usaram uma camisa de organizada, começaram a se defender e quebrar tudo. Onde, na TUP, já não podia. O regulamento da TUP é: se você brigasse, você seria expulso. Então eu fiquei com isso na minha cabeça. E eu não vou querer que o meu filho nem o seu filho, se fosse da TUP, não voltar para casa. Eu vou falar como para você? “Ó Bruna, você confiou seu filhinho na TUP, seu filho não está voltando, e eu estou”. Fala para mim. Tenho quarenta e oito anos, filho, vi muita gente. Eu socorri cara caído no chão. Já chegou a ter brigas que os caras deixava as pessoas de diretoria entrar e o associado ficar para fora. Aí eu fui me enojando. Fui me enojando. Não tem diferença. O Tropeço morreu na Marginal, até peço desculpa para a família, dizer que a gente não tem nada a ver mesmo, porque foi avisado... A polícia parou os ônibus... Estou falando no caso da morte, não sei se interessa para vocês. Tropeço, ele, hoje, era para estar bem de vida. Imagina o ciclo que nós estragamos. Num jogo de futebol, a polícia parou o ônibus porque estava um corintiano no trem, o cara desceu, e a gente falando não desce, não desce, o cara desceu, veio um Monza – lembra? logo quando surgiu o Monza, aquele tubarão – a duzentos por hora, atropelou o menino. E o que me marcou foi que socorreram, aquela puta briga no ponto de ônibus,

corintiano para cá, para lá, em pé... resumindo, ninguém brigou com ninguém, a polícia bateu em todo mundo, teve que avisar a família; antes de eu chegar, que eu... não saiu nem na rádio, antes de eu chegar, a mulher estava na escada. Está lá. Vinha assim, tinha um murinho, aquelas casa americana, a mulher já estava lá. “Você matou meu filho”. Nunca mais saiu da minha cabeça. Nunca mais. Até hoje. Acho que passou uns vinte anos. Não me esqueço disso nunca mais, o olho dessa senhora – não sei se se encontra viva ou não, os irmãos. Inclusive, ele tem numa foto com a torcida do Botafogo, com a camisa da Skol, na época, ele tem uma foto, que ele foi no jogo do Botafogo, lá. Ele gostava muito. Ele trabalhava nos Correios. Isso marcou muito para mim, muito, muito mesmo. Você ver a... A mulher nem sabia de nada. Fazia vinte minutos que tinha ocorrido o negócio. Falou: “Você matou meu filho”. Nunca mais. E eu gostaria que servisse de exemplo para os caras aí, que hoje é presidente novo, porque, enquanto morre pessoas que é desconhecida, ninguém está aí com... com nada, com nada. Quando morre alguma pessoa que é conhecida a gente começa a... tem que começar a abrir os olhos e a pensar. Todo dia está morrendo gente. E não há cobrança de nada. A gente só está tapando o sol. Por isso que as torcidas, cada dia mais, está perdendo o valor de torcida organizada.

B.H. – Você falou vinte anos. Foi no início dos anos 90 que isso aconteceu?

M.L. – Isso, isso. Depois, eu vou pesquisar uma foto do Tropeço, ele na torcida do Botafogo. Uma foto bonita, assim um monte de botafoguense, ele com a camisa... como ele era altão – altão mas bebia, bebia *pra* caramba... e eu nunca fui de beber tanto; e na época, no Maracanã, era maravilhoso, você ia lá, era tulipa, sei lá o nome, aqueles copão, aquela puta alegria, todo mundo bebaço, sem briga – e ele gostava; e a gente acaba perdendo um amigo; e para mim, acho que... Deus me livre e guarde, que seja até pecado o que eu falo, mas a morte dele me ensinou muito, a lição de eu proteger esses meninos da TUP. E que às vezes – “ah, Marcelo é ditador”. Nada. Eu tenho o meu jeito. Acho que a TUP não acabou ainda, hoje, por minha culpa. Até agradeço as palavras do Reginaldo, que foi dos maiores inimigos, que ele era da Mancha naquela época de briga com os caras. Eu encontrei ele um dia na rua, cumprimentei ele, ele colocou da minha humildade, por mais que a gente foi inimigo. Mas eu reconheço, sou bom inimigo. Não tem essa, não. Ele colocou que a TUP não... Que até então, eu me achava culpado. Falei: será que esse meu jeito de não ficar deixando os caras ficar brigando, batendo no outro, eu estou errado? Será que esse jeito, eu estou... Puta. Estou ficando louco. Que eu não deixava. Os cara quer brigar oito horas da manhã, quer pegar o trem para brigar.

Eu não, eu saio oito horas da manhã para... só uma mulher ou passear, alguma coisa. Para sair oito horas da manhã... Aí eu fiquei eu me autojulgando. Eu falei: porra. Não morre ninguém, e os cara vai... faz tudo certinho, nunca está feliz com nada... Mas aí, depois, em cima das palavras dele, foi o meu maior reconhecimento. Porque se a TUP não acabou, hoje, foi por minha culpa. Mas porém quase acaba com a minha vida.

B.H. – Nesse período dos anos 90 teve uma explosão, mesmo, de número de associados das torcidas; e, pelo menos para quem está de fora, da mídia, um evento marcante foi aqui, no Pacaembu, aquele jogo da final dos juniores, em 95, a chamada batalha campal do Pacaembu, que agora está fazendo vinte anos. Você estava nesse jogo?

M.L. – Não. O que eu falei, que eu não acordo cedo para brigar. Uma, que eu não gosto de jogo da copinha. Eu não vim. Não vim mas, mesmo assim, eu fui preso. Meu filho era recém-nascido e... um dos motivos que eu não vim, porque eu já achava que já ia... Porque na época eu já estava na evidência de briga. Porque eu brigava mesmo. Os cara sabe disso aí. Eu não tenho... Eu brigava mesmo, com polícia, com tudo. Brigava. Mas não uma briga de covardia, não uma briga desleal; uma briga para defender a camisa que eu visto até hoje. E, se precisar, vou brigar de novo, e de novo, e de novo, e de novo. Só que agora eu brigo com mais inteligência. Eu brigo só no argumento. A gente espera. Eu acho que os maiores culpados foram... As torcidas, elas cresceram muito, porém deixaram de existir, porque a ideologia do torcedor organizado acabou naquele dia. Depois daquele dia, (tanto que você... foi bem lembrado) começou a sair a explosão de brigas – de torcida contra torcida, explosão de comércio, explosão de interesses pessoais.

B.H. – E você foi preso, então, como um bode expiatório, porque alguém...

M.L. – Não. Foi... É que nem tem alguns elementos em torcida, o cara morreu do outro lado, o cara fala que foi o cara que matou. A gente estava na evidência, todo, eu não... até algumas coisas comigo, eu não quis vir... Eu acho que o maior culpado foi quem pôs as torcidas aqui dentro, não as torcidas organizadas. Porque a gente... gostamos de ir em jogo, sim, nós vamos em qualquer lugar, porém, quem colocou a gente aqui dentro é que são os responsáveis, porque deixou... A mesma coisa que a gente estar aqui nesse anfiteatro e você... e o negócio quase cair em mim. O responsável é você. Certo? Então, quem autorizou o jogo naquele dia já... é o maior culpado de toda história de violência. Porque é humanamente impossível você recuperar um bêbado dentro de um bar onde só tem pinga. Você colocar as torcidas

organizadas, tem dois vagões de pedra, quando tem. Ninguém sobe o alambrado, se não quer. Então acho que, para mim, o fim das torcida organizada foi ali.

B.H. – É. Teve, na sequência, o Ministério Público proibiu. A TUP também foi proibida?

M.L. – Todas, todas. Todas as torcidas. Até quem não tinha nada a ver. Mas a minha avó Escolástica, como eu lembrei, ela sempre falava: “o lobo perde o pelo mas não perde o vício. Ele sempre vai roubar uma galinha”. As torcida é igual. [riso] As torcidas são iguais. São iguais.

B.H. – É. E a TUP ficou um período sem poder...

M.L. – Não. A TUP... a TUP ficou no nome. Ficou eu e mais cinco. Até aparecer o Luis Pazzianoto, que foi lá onde tem a quadra, que é nossa, pagamos direitinho... A quadra é nossa. Nós temos um ônibus próprio, que é nosso, tem... todos os bens que a torcida tem é da torcida, não está no meu nome; inclusive coisas que eu tirei da minha vida para pôr na torcida, fiz questão de colocar em nome da Torcida Uniformizada do Palmeiras. Lá não tem dono. Eles acham, eu sou o dono, porque eu que mando. Porque as pessoas se aproveitam de um monte de coisa. Por isso que eles falam que eu sou o dono. Mas pode ir em milhares de torcidas e pergunta o que eles têm. Você vai na TUP, eu provo o que a gente tem. Está no documento: pertence à Torcida Uniformizada do Palmeiras. O ônibus, da torcida Uniformizada do Palmeiras; conta tal, Torcida Uniformizada do Palmeiras; dívida tal, Torcida Uniformizada do Palmeiras. Então... Minha consciência é a minha inocência.

B.H. – A Bruna perguntou dessa passagem da geração. Então, a partir de que momento você se tornou a principal referência na TUP e passou a ser o principal líder?

M.L. – Quando eu aprendi respeitar o próximo. Quando eu aprendi que a maior virtude do ser humano não é a prepotência. Que a gente acha que não é prepotência com o desconhecido, mas às vezes a gente é prepotente com o próprio amigo, porque gente não aceita a opinião do cara. Quando eu... A minha verdadeira liderança não foi nos braços, não foi nada. Foi na compreensão e na inteligência de não deixar acontecer mais as morte. Aí, sim, eu me tornei um verdadeiro líder. E em Deus me ajudar a eu conseguir levar os associados de volta, inteiro, para casa. Isso sim é um grande líder de torcida organizada. Não importa se é da diretoria ou se é um bêbado. A missão da direção de uma torcida é que seus associados voltem inteiro para casa. Aí eu me considero um grande líder. Fora isso... sou igual a todo mundo.

B.G. – Mas assim, oficialmente, você foi eleito presidente?

M.L. – Sim.

B.G. – Mas como é? É votação?

M.L. – Os associado, o conselho... Os associado votava no conselho, na época, o conselho votava para presidente. Eram as primeiras vezes.

– Aí eu era o vice... Não. Aí é o vice...

B.H. – Quando você entra, ou já nos anos 80?

M.L. – Não. Já... Na TUP... foi tudo certinho. Só que é uma torcida em família, porque eles tinham muito medo de degradingolar e manchar o nome da TUP com tragédias. Tanto que a herança da TUP é muito boa. Até hoje, quando se fala da TUP, se fala de uma torcida *da hora, legal*. Não importa o tamanho que esteja, mas sim pelo passado, de bem que fez para o futebol, aonde teve jantares, teve...que é só... Tem um passado muito bom. Eu tentei manter. E as eleições, eu estou, hoje, como o mais velho, porque ninguém quer ser. Ou o cara está na torcida por interesse ou para segurar a onda, ou... Senão ele não vai ficar numa torcida como a TUP, que não tem fonte de renda, que não tem nada. Você entendeu? Então... Porque as pessoas às vezes me respeitam ainda, que eu tenho quarenta e oito mas eu procuro me... eu procuro ser como eles; ou quando estou com você, com você, sou camaleão assim na vida, na torcida. Tem vez que a gente não tem paciência. Você está falando com o cara a mesma coisa. Mas hoje vai ter... No futuro, a gente está vendo a melhor maneira de colocar uma nova diretoria; mas uma pessoa que tenha o merecimento e consiga levar à frente essa ideologia que eu aprendi. Porque qualquer ser humano pode acabar com a história da TUP. O cara entra lá, faz um monte de briga, a gente é... acaba a torcida.

B.H. – Vocês têm subsedes?

M.L. – Temos. Temos, temos.

B.H. – Onde é a mais?...

M.L. – Todas são a mesma ideologia. A mais forte hoje é Pouso Alegre, Americana e Itapira.

B.H. – E tem uma relação...

M.L. – Familiar.

B.G. – Vocês se encontram? Eles vêm para a sede?

M.L. – Quando vêm, nós recebemos eles na quadra. Porque nós temos uma sede onde todos podem vir.

B.H. – Nesse período em que as pessoas ficaram proibidas, depois da batalha campal, coincide com o momento, também, em que o samba começou a ser mais estimulado, algumas

se tornaram bloco, outras já ascenderam para escola de samba. Como é a Tupinense, como é a relação da TUP com o carnaval? Como é que isso surge?

M.L. – Então. Como que eu estava dizendo para você. Na época os caras falavam que só o corintiano que era do samba, corintiano era sambista, tal, não sei quê, que é a Vai, Vai, não sei quê. E eles comentavam isso aí. Eu falei: ah, vamos mudar. A TUP começou a montar... Juntou eu, Cabeção, Mariano, Cleber, uns caras... Tanto que a bateria da TUP – não sei hoje ainda, os caras nunca admitem –, mas foi considerada como a melhor das arquibancadas. E aí a gente aprendia. Na época era surdo de madeira... puta, não era nem [bordon], era esteira, aquelas caixas de guerra –, não tinha limite para levar instrumentos, se quisesse levar dez, vinte... você ficava descontraído, você tocava lá, não ficava pensando em querer brigar. Aí eis que, com essa história, os Gaviões tinha.. era Gaviões e Torcida Jovem, era a maior disputa de bloco carnavalesco que existia no meio do samba, entre Gaviões e Torcida Jovem... Torcida Jovem, acho que ganhou um ano; a Gaviões ganhou todos os anos. Logo que mudou. E aí nós inventamos de fazer essa... de fazer um bloco, aonde fomos ganhando, fomos ganhando, e acabou sendo... a gente não imaginava que era assim –, acabou virando comércio, acabou virando... acaba desfilando quem não era palmeirense. Você achava que a torcida do Palmeiras, hoje, ela é genuinamente o samba. Não é. A maior dificuldade, hoje, do samba na torcida do Palmeiras é a ingratidão do palmeirense, não digo só da TUP não, digo o próprio trabalho que o Paulinho faz aí, de manter a escola, hoje, representando o nosso time Sociedade Esportiva Palmeiras, a dificuldade que o cara passa, assim, a divisão que existe entre – ah, não vou no samba, eu não gosto de samba; ah, não vou não sei quê, não gosto –, mas ali está todo mundo defendendo o mesmo ideal. Estou falando isso hoje porque eles estão falando do nome do clube que eu amo. Não sei se eu falaria isso há um ano atrás. Mas hoje, a bola da vez é dos caras, acho que todo mundo tem que se unir mesmo, para tentar fazer os caras ser campeão, porque, ele sendo campeão, o Palmeiras também está sendo. Vai quebrar, vai quebrar uma barreira muito grande de só o Corinthians, só os caras. Mas a maior dificuldade do Palmeiras no samba é os próprio torcedor palmeirense, que não está aí com... desculpa – porra nenhuma! Depois vocês muda, tá?

B.H. – Vamos, então, aproveitar para fazer uma pausa.

[FINAL DO ARQUIVO I]



M.L. – Não. Depois eu falo. Aí é com vocês. Vocês querem? É assim. Eu sou um cara que não estou nem aí com nada, se tiver que falar, eu falo mesmo. Senão, depois, tem que segurar. São certas coisas que aconteceu... Foi uma sessão de... das mudanças que teve, as mudanças que teve a torcida. E era muita provocação de ambos os lados. Os caras... o Cléo provocava os caras, os caras provocavam o Cléo. Só que o Cléo era inocente. Ele te enchia o saco, mas ele era inocente. Ele amava o Palmeiras, ele achava, como eu achava, que a gente se encontrava no meio de semana, dez cara parava ali, vinha os corintianos, nós batíamos. Porque a gente tinha que recuperar a honra do torcedor palmeirense de voltar usar a camisa, porque não usava. Não vem falar que foi só a Mancha, que é cascata. Não existe. Foi todo mundo. Isso foi o sacrifício de uma cem pessoa. Que muitos morreram, estão preso, estão desvalorizado. E uma palhaçada, na real. Coisa besta. Ficar batendo nos outros, meia noite, dando paulada na cabeça, para poder usar a camisa no outro dia. Uma puta falta de... Uma idiotice. Eu tenho até vergonha de falar esses bagulhos. Mas um bom menino, um bom filho, o irmão dele vai na TUP até hoje. As pessoas amam tanto e não reconhecem o irmão do cara nem a família. Que amor que é esse aí? Se você idolatra alguém... Você ama Deus? Você gosta de Deus? Então, se você vê Deus, ou Jesus, ou o que for, você sempre vai lembrar, você sempre vai pelo menos... É diferente. Os caras ama tanto o cara, não lembra nem quem é os pais, nem quem é o irmão? Então a gente não pode ser incoerente. É uma fase boa, tive muito... acho que de todo mundo, eu era o maior inimigo mas o melhor amigo.

B.H. – Você se dava bem com ele.

M.L. – Saía na pancada direto. Nós conversava noutro jogo. Tanto que na morte, a maioria das briga ele arrumava, ele arrumava, me ligava: “Ô. Vamos lá, que nós estamos com cem, duzentos cara aqui, os caras tem lá...” Chegava lá, a gente estava em trinta, os caras em duzentos. Ele é louco. E ia para cima mesmo, não tem essa não. O cara foi uma das pessoas... um dos espíritos melhores que eu já vi. Por mais que conta história, história, histórias, era o que eu falei, coincidentemente. Lembra que eu falei: “Olha. O cara... Ele mata um cara lá. É sempre o mesmo cara”. E ele pagou por isso. Ele pagou por coisas que não deve ter feito, ou porque... as conversas de telefone. Mas como exemplo assim de torcida, de amor ao clube, o Cléo é... Cada um guarda uma lembrança. Eu acho que os caras da Mancha ou algumas pessoas não guarda a lembrança que ele, na realidade, ele mereceria. Eu acho. É minha opinião. Porque você fala que gosta, é muito fácil, mas você vê várias coisas que acontece aí... Eu sei que a gente não pode fazer nada, porque já foi, acabou. É como o Brasil, foi o

melhor do futebol, hoje não é. Então, já foi, não gosto de falar nisso, porque houve muitas coisas, houve muita tristeza. Tanto que no dia que ele morreu, a Mancha tinha... a TUP é Padre Antonio Tomás, 104, a Mancha era 200, e faziam as reuniões nos mesmos dias. Eu lembro que estava eu, Beto da Vila Maria, eu namorava com uma moça chamada Elaine, que morava na Vila Guilherme, e o Cléo estava na Mancha, e eu já não estava conversando com o Cléo, porque a gente brigou uns jogos antes, aí não conversava, só que andava junto. Não conversava com ele, mas a gente andava junto. Aí eu tinha o carro, ou eu tinha uma Kombi, sei lá, não me recordo, ligava, eles vinha, andava, aí no outro dia conversava. E eu já tinha recebido um telefonema uma semana antes, que... para mim tomar cuidado, que os caras estavam aqui tentando a minha morte e a do Cléo. Que os cara ia pegar nós dois porque teve uma briga na qual deu um problema. Eu fiquei com aquilo na cabeça mas nem... nem aí. Isso que ele estava, numa terça-feira, na reunião lá, acabou a reunião da TUP, o Beto e o Nivaldo, na época eles eram da TUP, depois eles foram para a Mancha, [com o tempo, com o passar de tudo], nós continuamos amigo até hoje, o Beto, chama-se Beto Baroglio, da Vila Maria, (Paulinho conhece também. Só que Paulino acho que era bem jovem, acho que não...) e... “Beto, você avisa lá (na época era orelhão, não tinha nem celular ainda... sei lá se tinha...)”

B.H. – Anos 80, já tinha.

M.L. – É. “Vai lá avisar ele lá, que a gente vai sair fora, se ele quer uma carona”. Beto foi lá, falou: “Não. Acho que ele vai dormir na sede lá.” Porque a gente dormia na sede e tal. No caso do Cléo era mais louco, você entrava assim, tinha uma escada, tinha quadradinho, você subia lá, parecia um... nossa! um bagulho de guerra. E aí ele não foi, não quis pegar carona. Falou: “Vou ali...” Ele falou que vai ficar aí. Acho que ele ficou com raiva de mim, para não pegar carona no meu carro, não quis ir. Que era aquelas Kombi antiga ainda, que tinha um negocinho no meio. Peguei, fui embora. Quando eu cheguei lá, estava na casa da minha namorada, dormindo, aí o Beto ligou, falou: “Putá, mano, acabaram de matar o Cléo”. Eu falei: “Pô. Mas nós estava lá agora. Você é louco, mano? Nós estava lá agora”. Fazia... Do Parque Antártica até a Vila Guilherme dá o quê? Na Marginal, não dava uma hora. “Nós estávamos lá agora. Não pode ter acontecido isso aí”. Aí não acreditei, não acreditei... “Vai lá se trocar”. Me lembro que a gente foi no Hospital da Lapa. Passei, a gente foi direito ao hospital. Quando chega lá, tinha um bagulho de...onde o cara estava lá, com a camisa, ainda estava lá, tinha um furinho *deste* tamanho, aí foi como se fosse um cigarro também, você está conversando com o cara, você está fumando um cigarro, para quem fuma, de repente, apagou,

acabou, a vida do cara acabou. Acabou. E acho que o crescimento da Mancha foi também intermédio disso aí, intermédio da época do Paulinho também, que foi um bom líder, eu gostava bastante, gosta bastante, só que é fase, mano, não tem muito o que falar. Não adianta os caras falar que se dava. “Ah, eu falava com o cara no telefone...” Se os cara fosse tão amigo assim, falava, tinham avisado o cara “você está para morrer”. Não existe isso aí. Depois de morto, você pode inventar três milhões de heróis, se você quiser. Infelizmente. Não foi só o Cléo, tem muitos Cléos, ainda, por vir. Tem muitos Cléos, ainda, por vir.

B.H. – Talvez o dele tenha sido emblemático porque ele era uma liderança. Hoje, como você observou, há muitos confrontos e morrem pessoas que não são ligadas...

M.L. – Não. Foi uma covardia. É que na realidade, cara... Eu não estou aqui para agradar ninguém, nem quem... a opinião de quem está ouvindo também, eu estou aqui para mim falar minha verdade, o que eu sinto. Foi um erro atrás de um erro. Algo aconteceu. Algo enfureceu alguém, para agir covardemente. Não foi nem questão de liderança, foi questão de covardia. Porque tudo que o cara fazia era às claras. Tirando as cagadas dele, que às vezes ele... falando cagada assim, que às vezes ele pegava, telefonava... Telefonava mesmo. “Aí. Vamos sair na mão; vamos sair na mão”. O negócio do cara era assim, não tinha esse bagulho, não, de ficar... “Ah, tá...” Eu brigava, ia junto, brigava mesmo, fica ligado, que confiava um no outro, que [era chapa, era bobina mesmo]. Mas eu não ficava... “Ô, seu gambá filha da puta, vocês bateram em não sei quem, vamos se encontrar ali”. E com ele era toda hora, todo momento, todo minuto, todo dia. É [sem boi]. Os cara estava... Do mesmo jeito que tentaram bater nele, que faziam com a gente. Só que... Sei lá. Não tem muito o que falar. É triste. Agora, todo mundo fala que conseguiu cumprimentar o Aleijadinho, não é fácil, é difícil. Difícil. Ninguém nem sabe o que passava na cabeça do menino. E, um tempo antes, o cara já tinha falado: “Putá, mano...” Eu lembro que a gente foi tomar vinho no Anhembi. Para você ver, hein, a gente foi tomar vinho no Anhembi, umas trinta pessoas, e ele falava: “Putá, eu estou com medo, que eu estou me vendo morto”, não sei o quê. E, porra, ele me chamava, “pô, gordão; pô, gordão; pô, gordão...” – e eu nem gordo era, desgraçado. Aí ficava andando junto, ia para o jogo junto. Ia para o jogo. Foi o que aconteceu. O cara não teve nem tempo de usufruir – usufruir que eu falo, em ter satisfação da torcida.

B.H. – É. Foi fundada em 83, ele faleceu em 88. Cinco anos da fundação.

M.L. – É. Não deu nem tempo. Mas para mim, eu acho que foi uma das melhores fases na vida assim, foi nessa época de torcida. Agora... Tanto que se você for fazer uma pesquisa,

acho que eu sou um dos mais velhos, que só eu que vou em jogo. É. Só você ver. Não sei se o Cosmo deve ir. Cosmo vai ainda?

B.H. – Acredito que sim.

M.L. – Eu vou em todos. Toco, vou. Mas também nem sei por quê. Porque talvez virou vício do crack.

B.H. – Mas também acompanhando seu filho, seu filho passou a frequentar...

M.L. – Não. Mas se ele não for... Meu filho ficou preso seis meses aí. Se ele não for, eu vou, do mesmo jeito. Isso aí já está no meu sangue. Como você ir na torcida toda aí. Porque houve algumas coisas de... O que eu falei. Ou as pessoas vai presa ou morre. Eu vou porque eu gosto. Eu aprendi a minha vida inteira ali. Eu não sei o que é baile, eu não sei o que é... eu não sei chegar no restaurante. não vou, você pode me chamar para... mas não vou. Não vou. Não vou em festa de aniversário, não vou. É o meu jeito. Eu não quero mais. Eu me viciiei nisso e não consigo sair. Todo mundo gosta, eu quero. Eu não consigo, não vou. Eu gosto de ir no jogo. Mesmo, às vezes, eu não gostando de ir no jogo, eu não vou para lugar nenhum, fico na quadra. É um vício. Eu não tenho mais esses negócio de ficar... As coisas vai passando, você fica refém.

B.H. – Hoje, a torcida tem quantos integrantes?

M.L. – Ah. Tem uns mil e pouco. É porque está passando, agora, a gente... os meninos estão amadurecendo, eles estão... está reformulando, trazendo a juventude. E hoje, com essa onda de violência e de morte então, as pessoas está voltando a querer não brigar mais. Porque você não briga, agora você morre. Você não tem opção para brigar, você tem opção para morrer. Hoje você não sai para brigar. Você sai para quê? Para morrer. Então tem uma rapaziada nova, uns moleque bom, que entende, sabe que não vai te levar... Porque antes os caras treinavam para brigar. Hoje eu falo: “Mano, treina para ficar um cara... treina, estuda, tem um carro e vai pegar as meninas. Ganha um dinheiro, vai para o jogo, volta para sua casa, para seu pai te ver inteiro”. E graças a Deus a gente está conseguindo.

B.H. – No bloco anterior, a gente estava comentando do carnaval. Você mencionou o...

M.L. – É que eu falo de tudo. Eu falo conforme a minha emoção.

B.H. – Ótimo. Você falou que, esse ano, vai ter a homenagem ao centenário do Palmeiras, a Mancha Verde vai desfilar no grupo especial. A ideia é apoiá-la?

M.L. – Sim, nós apoiamos. A gente já foi comunicado. Porque eu acho a torcida do Palmeiras ingrata. Eu digo isso... Assim, cada um tem a sua escola de samba. Minha escola de samba,

quando eu comecei no samba, chama-se Imperador do Ipiranga. E hoje, quando eu torço por escola de samba, eu sou TUP. Certo? Mas sou TUP e Imperador do Ipiranga. Mas hoje eu também sou Mancha Verde.

B.H. – Que era do seu bairro.

M.L. – É. Hoje eu sou Mancha Verde, no samba. Alguns podem gostar, outros não, porque representa a Sociedade Esportiva Palmeiras lá.

B.H. – Você vai desfilar?

M.L. – Não. Só se eles fizeram uma camisa da TUP para mim.

B.H. – E a TUP desfila em que?...

M.L. – A gente vai desfilar no Ipiranga. Não, no Ipiranga não, na Zona Leste. Que a gente estava no primeiro grupo, nós passamos por uma fase que o associado, ele não assimilou que, mais um ano, a gente estaria no especial... Não. Mais um ano, no grupo um, de acesso, e mais outro, no especial, junto com a Mancha. Aí é difícil, cara, é difícil. Cabeça de torcedor é... tem que ser... chapéu de trouxa é marreta – tem que ser na marreta.

B.H. – Mas então, hoje, é o quê? Grupo dois?

M.L. – Nós estamos no grupo três. Estava no grupo um, aí...

B.H. – Caiu para terceiro.

M.L. – Não. É. Aí conseguiu fazer essa façanha de cair para o terceiro, porque uma escola de samba da UESP entrou com um processo, ganhou, e a TUP era antepenúltima, então, eles voltaram, nós caímos. Como a estrutura nossa estava para o Anhembi, com quatro carros alegóricos e as fantasia gigante, a gente caiu para o grupo dois, que seria no Butantã. E toda a... todo o negócio do carnaval não cabia na avenida do Butantã. Resumindo, nós chutamos o balde. Você imagina a gente ensaiando um ano... Hoje, a moda de escola de samba é contratar academia, você vai lá, você vê que só as fortonas, as bonitonas... Você não vê mais gente feia em escola de samba. Você já viu alguma gente feia? Banguela, já viu, bêbado? Não vê. Acabou. O samba virou... estilo passarela. Você não vê. Você não vê uma pessoa que samba, uma negona sambando, desdentada. Você só vê só as bonitonas; aquelas injeções de silicone, aqueles barato. Você não vê. O samba acabou também.

B.H. – Virou padrão global.

M.L. – É. Padrão... Você está entendendo? Então... As academias... Você imagina, a gente ia desfilar no Anhembi, vou desfilar no Butantã.

B.H. – Desarticulou.

M.L. – Aí aconteceu o negócio das droga lá, que pegaram. Alugaram um caminhão para retirar as esculturas da droga. Pegaram um monte de droga lá, dentro do caminhão, que foi provado, tanto que meu filho está na rua; meu filho que estava lá no dia, o meu filho e os responsáveis, foram tudo em cana.

B.H. – Foi o carnaval de 2013, salvo engano.

M.L. – É. Aí acabou. Só que aí todo mundo falou, porque quatrocentos quilos de cocaína é dez milhões. A gente não tinha um real. Os cara levou o caseiro preso, que estava com a unha deste tamanho. O cara teve que passar a unha no pé da cadeia para cortar a unha. Só que até você provar inocência você fica... o cara fica lá.

B.H. – Mas foi uma batida policial? Como é que isso?

M.L. – Não. Tinha uma pessoa que acho que já estava sendo acompanhada e... E eu não sei... Na realidade, o caminhão que foi alugado ou que estava. Não sei nem se foi a pessoa ou se foi o caminhão. Até agora, eles não falam nada. Só inocentou porque a dra. Lília, que foi advogada do Marcelinho e dos meninos, ela percebeu que todo o depoimento dos policiais da rodoviária federal era tudo igual. Tinha quinze depoimento igual. Só copiaram. Senão meu filho estaria preso até, lá. E os melhores amigos, que é advogado e tudo, falou: “Nossa. Seu filho não sai”. Quer dizer, o único que sabe o resultado de amanhã é Deus e Jesus, amigão. Fora isso, ninguém sabe de nada.

B.H. – E essa doutora vocês contrataram para esse... Ou ela já?...

M.L. – Puta. Essa doutora, foi até... Foi perto do carnaval, foi até gozado, porque a gente contratou um cara da TUP, acabou dando um problema, e ela ligava todo dia, todo dia, e eu não queria nem falar com ela, que eu fiquei... eles ficaram preso, eu fiquei preso também. Tanto que... acho que eu me libertei – ele ficou preso seis meses, eu fiquei um ano. Porque o que acontecia lá, eu sentia, acontecia... não comia, não tomava banho. Para mim, me desprender disso... E não só eu, não. Metade da torcida ficou assim. Foi muito difícil. Aí, sei lá, é Deus que colocou ela no GPS, lá na quadra.

B.H. – Mas ela advogada da torcida?

M.L. – Não. Não.

B.H. – Isso foi... para esse caso...

M.L. – Uma pessoa conheceu... Sei lá. Foi Deus que indicou. Porque já tinha sido perdido já. Ela veio com os quarenta e cinco da prorrogação. [riso] Eu até agradeço ela. Que ela só perguntou a verdade, nós falamos a verdade. Enfim, vamos trabalhar para tentar fazer uma

torcida forte e ver se esses cara das organizada aí, que pense um pouco melhor, que o fim está próximo.

B.H. – Como? O fim, como?

M.L. – Se continuar morrendo as pessoas, se continuar do jeito que está, as torcida vai acabar perdendo a serventia para o futebol. Como o próprio futebol, também, o fim está próximo.

B.H. – Mas você acha que isso viria de uma proibição por parte?... Ou não é a questão de proibir ou não proibir? É pelo enfraquecimento do grupo.

M.L. – Vai vim de uma forma da opinião pública, do enfraquecimento, da mentalidade do torcedor, da covardia, dos caras poder... os caras sabem que pode mudar e não quer mudar. Como o governo também, como o Ministério Público também. Como o promotor Paulo Castilho também, que já foi conversado com ele. Como o 2º Batalhão de Choque também. Você consegue educar seu filho colocando ele trancado? Você põe ele trancado dentro de um quarto, quando ele sai, sai querendo pegar todo mundo. Os caras tinham que dar uma oportunidade para as torcidas. “Ó, está aqui. Cada um tem que segurar sua onda”. Porque é mentira que o cara não consegue segurar essa instituição. Você acha que alguém vai aplicar o Paulino, ou o Janio, ou os caras dos Gaviões, os caras que está na liderança? Você desconfia... Quem é seu chefe? Você descumpra a ordem do seu chefe? Não. A verdade é essa, mano. Tem que se ligar. Só que o governo, o município, as leis, a própria Federação Paulista, ela reclama, ela dá cadastro para a gente mas, na época do José Farah, eles fizeram uma turnê de navio, onde usaram o dinheiro do futebol, e aonde os clubes do interior, hoje, não existe mais. Ninguém fala. E hoje nós temos que usar... para fazer um cadastro para entrar no jogo, tem que ligar para a Federação. Só que não adianta nada. Você sabe o que adianta? Punição. Adianta assim: “Ô Marcelo, ô não sei quem aí. Vocês podem entrar com dez bambu, você pode entrar com sete instrumento, com quinze instrumento, isso e isso. Brigou, você é punido. Só te dou uma oportunidade. Uma. Uma.” Dá oportunidade, a gente ter uma ocupação na arquibancada. Acabou. Mas não existe. Os cara só quer... Toda facilidade da briga, das mortes, o poder público é culpado também.

B.H. – Você acha que pode existir alguma entidade representativa que una as torcidas, ou a vaidade?...

M.L. – Nenhuma. Nenhuma. A vaidade é maior. Os cara é muito... Desculpa. Você vai numas reuniões aí com deputado, com tudo, estava claro. Eu lembro como se fosse hoje, a liberação

dos bambu, tenho um amigo, Jorge Caruso, deputado, pertenceu à TUP, estava nesse movimento, foi preso nesse movimento aqui – hoje ele é deputado estadual dos mais votado...

B.H. – Esse movimento que você fala é a batalha campal.

M.L. – É. Acho que ele estava. Acabou indo preso. Eu não sei também. E o cara falou: “Marcelo, quem que é o louco?... Eu sou teu amigo, eu sou TUP, eu adoro, sou palmeirense, e eu vou assinar para botar o bambu [que vocês dá na cabeça dos outros?] Você acha que o governador vai fazer?” Ele falou dessa forma assim para mim. Não vai aprovar. E não aprovou. A única coisa que aprovou foi o aumento do negócio da cadeia de estudante, que foi até dois multado. Então, quer dizer, a torcida organizada não está preparada para nada. Hoje, o torcedor organizado, a gente conseguiria colocar um candidato à presidência da República e o cara ficar em terceiro lugar. Ou até em segundo, se a gente insistir mesmo, em primeiro. Hoje, o torcedor organizado, que é totalmente desorganizado, consegue colocar dez vereadores e deputado. Só que tirando o Goulart, que por ele ser Gavião, toda vez que eu... quando nós precisamos de algo, você tem que ver a educação, a forma que ele trata a gente. O Goulart. O Gavião. Ele é Gavião e é vereador. Como Nelo Rodolfo ajudou, como tem um monte de vereadores palmeirenses, também, que não ajuda.

B.H. – Não ajuda.

M.L. – Não, não ajuda, não financeiramente, e sim em política. Por que o cara vai colocar, uma política de 89, que não pode entrar bambu? Sendo, por que ele não puniu quem deixou entrar as pedra aqui? Porque tem que ter alguém que ser o culpado, que deixou as pedra, e não teve segurança. O que ele fez, o Nabi Abi Chedid, que foi um câncer do futebol? Tanto que, se ele fosse tão bom, o segmento da família dele, o Bragantino seria campeão mundial. Nem lingüiça os caras consegue fazer mais, lá em Bragança. E bem feito. Depois dessa cagada que ele fez aí, dessa proibição. Também concordo que os cara manuseavam o bambu errado. Mas põe regra, meu. Esse dinheiro que foi gastado, aqui no Pacaembu, com as câmaras não serviu para nada, os caras não pega ninguém. Põe regra. Deixa a festa voltar para as torcidas, as torcidas têm que fazer... têm que entrar no caminho dela. Se não der jeito, acaba com tudo. Para você vê, você está com quarenta hora aqui, vai sair quinze minutos.

[risos]

B.G. – E qual é a relação do Palmeiras com a TUP?

M.L. – Do Palmeiras?

B.G. – É.



M.L. – Linda, maravilhosa. Contratou, agora a gente vai poder comemorar gol. Agora da diretoria?

B.G. – É.

M.L. – Nenhuma.

B.G. – Mas nunca teve.

M.L. – Sim, teve. Algumas outras diretoria, teve. Na realidade, não está tendo nessa porque foi uma discussão que teve... Eu já tive problema com Paulo Nobre, mas acho que hoje ele está de parabéns pela gestão, pela forma que ele está conduzindo hoje, tirando essa papagaiada do Avante; eu não entendia o porquê alguns patrocínios não acon... Ele valorizou a marca do clube, provou que nós estávamos errado, que a torcida estava errada. Provou que... porque ele está agindo, ele colocou um profissional, provou, está dando o que nós queremos. O estádio, daqui... Eu tenho quarenta e oito, não sei se eu vou estar vivo até 2070, mas para mim... o Palmeiras está num estádio alugado, o Palmeiras alugou aquele estádio, daqui a trinta anos passa a ser do Palmeiras. Aí sim, se eu estiver vivo igual os meus netos, eu posso falar: “Estive no estádio do Palmeiras”. A minha maior briga com o Carene, que adaptou, foi terrível, a respeito dos símbolos – Palmeiras é verde e branco, não é azul nem vermelho... Não tem símbolo, não tem... para mim não...

B.H. – Paulo Nobre, que, inclusive, foi integrante da TUP um tempo.

M.L. – Não. Da TUP não. Inferno.

B.H. – Não. Ele foi do Inferno?

M.L. – Todo mundo foi todo mundo. O João Goulart, também, deve ter sido de alguma outra torcida. Cada um conta uma história. Eu nunca vi. Eu nunca vi no jogo, nunca vi. Para mim, ele era mais um *boyzinho*, que ia lá com carro e acabou, como qualquer um. E hoje é presidente do maior clube do mundo.

B.H. – Quando você se tornou sócio do Palmeiras?

M.L. – Não sou sócio do Palmeiras.

B.H. – Você não é sócio.

M.L. – Não. Fui um ano só, e não tive condições de pagar, porque... eu não gosto de usar sunga; lá, para entrar na piscina, tem que usar sunga, tem regra; para você ouvir um monte de merda, eu vou no Centro Educacional do Capão Redondo. Meu negócio é exclusivamente futebol, Sociedade Esportiva Palmeiras. E, hoje, o clube social do Palmeiras, acho que é sessenta por cento, torce para outro time.

B.H. – Clube social é outra coisa. Porque existe um pouco essa... cada torcida segue um princípio. Algumas entendem que você tem que se associar, para ter influência dentro do clube, outras acham que não...

M.L. – Ou vantagens.

B.H. – Ou vantagens.

M.L. – Eu só acho assim, que depois de tudo que nós passamos, eu só quero amar o Palmeiras e torcer para o Palmeiras, não quero saber de política, e a gente cobrar a situação do time. Porque não vai adiantar nada eu entrar lá de sócio, ser conselheiro, porque... os cara põem uma mesa assim – aqui está os conselheiros – aí o cara da cadeira vermelha vai falar: “Ô! Cala a boca! Depois você fala”. É assim. A Sociedade Esportiva Palmeiras é um clube de tradição e de família. Então vem os Della Monica, vem os Facchina, vem os Mustafá, agora vem os Noblete, e você não tem... o outro não tem... o cara, você não tem acesso. Você vai falar o quê? Para mim ficar sentado ali para ficar ouvindo merda, eu prefiro eu falar merda para os cara lá na TUP. [riso] Do carnaval, é isso aí, mano, não tem muito o que dizer. Morte, eu não tenho muito que... Eu não tenho boas lembranças, não.

B.G. – E a relação com o torcedor? Porque a TUP tinha um prêmio, um jantar, entregava prêmio para jogador, para jornalista...

M.L. – Sim. Isso era uma votação. Nós fazíamos, no Terraço Itália, vários lugares, a gente premiava os melhores. Fazia uma pesquisa com os torcedores. Isso foi aprendizado da antiga diretoria que fica até hoje. Aí nós tentamos fazer isso umas duas vezes. Mas não... Você perde a credibilidade pela forma de violência que todas as torcidas estão. Hoje, por exemplo, o Valdívia. Para você chamar o Valdívia para um negócio desse – ele é amado por um, odiado por outro – o cara não vai sair da casa dele, que vai ser xingado. Nós fizemos uma festa porque o Palmeiras, ele acabou ganhando a Copa do Brasil, em cima do Coritiba lá. Foi um trabalho isso... eu dou parabéns para toda a direção da TUP... Muitos torcedores do Palmeiras não sabe que se fechou ali, na quadra da torcida – pode falar com Marcos Assunção, com Valdívia, com Henrique, com o próprio Deolla – foi uma conversa lá, que era a respeito de *bicho*, fechamos na sede, ninguém sabia disso, ninguém, nós falamos que ia apoiar, nós queríamos saber a verdade, e a verdade foi assim: o cara falou assim, o Henrique, “eu ganho cem mil. (suponhamos) Você acha que eu vou estar brigando por culpa de cinco mil de um prêmio? O que nós estamos reivindicando é que a diretoria do Palmeiras ofereceu mil reais”. A diretoria ofereceu mil reais como *bicho*. O cara falou que era melhor não

oferecer nada. E que eles conversava. Após isso, nós convidamos a diretoria, foi que subi para cinco mil. E aí a gente conversava direto com Marcos Assunção, com os cara, com o Valdívia. E o Palmeiras foi campeão... o maior sufoco...

B.G. – Valdívia tinha sido seqüestrado...

M.L. – É. A mulher dele. É, mas... seqüestraram. E mesmo assim, eu tinha uma afinidade maior com ele, porque os colocolinos estava no Brasil e acabou indo para a quadra – Chile, Brasile, Parmeira... Ficaram lá trinta dias, enchendo o saco, mano. [risos] Porra! *Parmeira*... Roubaram a região inteira. Você entrava num restaurante... Mas enfim... Aí nós fizemos um jantar lá, os jogadores foram... o cara bebeu um vinho! e foi um cara do... esse tal de Silvio aí, comprou um vinho de seiscentos e cinqüenta conto para o Valdívia, quando nós fizemos um churrascão lá, para homenagear os cara. Os cara... um pagodão... Porque o jogador, ele é um ser humano, policial é ser humano, o ladrão é ser humano, [o sábio], todo mundo é. O cara tem o momento de se divertir. Os cara tiraram umas foto lá, disse que o... eles relacionaram a gente à facção criminosa PCC e falaram: “Jogadores do Palmeiras... O Palmeiras para cair...” Porque não deu tempo, logo depois do coisa, falou: “... vai cair, e está fazendo...” Ah, mano, mas era folga dos cara, o cara estava lá, não quero saber se tinha ladrão, se tinha viado, se tinha político. Estava todo mundo. Se tinha cara do PCC. O cara tirou a foto e falou que os cara ficou embriagado. Aí começou a estremecer. E... O que eu falo, você acha que o Valdívia vai querer receber algum troféu? Os cara nunca mais saiu. Maurício Ramos. Os cara nunca mais nem falava. E nós da TUP, nós não somos de ficar seguindo jogador. Aliás, se der para eles me levar para a balada, eu estou à disposição. [risos] É. Porque o cara tem a vida dele. É diferente. O cara, depois de uma derrota, o cara não sai de casa; mas antes, o cara faz o que quer. Mas a maioria do torcedor que xinga os cara é cara que já teve, que já saiu. Tem uma pá de cara que tem casa noturna de torcida organizada aí, que... do Palmeiras, do Corinthians, todo mundo. Quando você vai ver o jogador está lá. Então, eu nem falo mais nada. É a vida particular deles. Esses jantares da TUP era maravilhoso, nossa! Foi onde eu aprendi comer aquele molho de carne Madeira. É. Aquelas carnes, lagarto... O Fiori, o Fiori Gigliotti, ele vinha, ele que narrava. Era uma... Acabou essa torcida, amigão, não existe mais. Não existe mais nada disso. Acabou. E falo para nenhuma outra torcida. Torcida, hoje, é um saquinho de ilusão: você abriu, acabou. Não tem graça, mano. Você ia ao jantar da TUP lá ou numas festas, os caras homenageavam, ia jogador, ia as pessoas ilustres; hoje os cara foge da gente.

B.H. – Técnico de futebol também?

M.L. – Porra. Técnico. O Mario Travalini, Telê Santana, puta, o Filpo Nunes. Conversei com o Filpo Nunes, cara! (*Filpo Nuñez*) Você acredita nisso? Conversei com Filpo Nuñez, cara. Puta. Teve um, que morreu, também... Vicente Arenari. Para você ver. Hoje em dia não tem mais. Um Minelli da vida. Hoje em dia, você não tem. Você chama o cara, os cara... ô... Aquelas conversas. Era uma coisa tão gostosa que, as festas, parecia uma arquibancada, os cara entrava, parecia um gol. Sabe, um *barato*... Era fantástico. Só quem participou mesmo é que sabe. O restante, eu não vejo história nenhuma boa. Você conhece, lembra alguma aí? Uma boa ação de torcida organizada? Não? É por isso que a gente está sendo tachado, porque não tem pessoal... A gente tem que lembrar de coisas boas da época antiga. Todo mundo vem aqui, fala de triste, de... eu estou com vergonha de ser torcida organizada.

B.H. – Vocês usam também a expressão *projetos sociais*. Fazemos projetos...

M.L. – Qual?

B.H. – Doação de sangue...

M.L. – Eu, pediu moeda para mim, eu bato na mão, não dão sangue para ninguém, não faço nada disso. Nós da turma somos reto. Nosso negócio é Sociedade Esportiva Palmeiras. O pior de tudo é o mentiroso.

B.H. – Que acha que isso é....

M.L. – Eu não vejo. Você vê? Pode até ter a intenção de colocar lá. Acho que os Gaviões fazem, sim, bastante, que eu vejo boné deles, tudo, assim. Mas não... O maior bem social para os cara seria não deixar ninguém morrer mais. Faz só isso. Não precisa dar nada para ninguém. Porque o governo tem que fazer isso aí. Faz a parte de torcida organizada, que é ir no campo, deixar os cara ir embora, fazer a festa, acabou. Você acha que vai adiantar a gente dar cinco mil blusa, e no outro dia matar alguém? Vai adiantar? Não? E dez mil blusa, e morreu só um cara? Talvez adianta. Não vai adiantar, meu. A minha maior boa ação é não deixar morrer ninguém. Esse é o trabalho social que nós fazemos. Porque nem o município, nem o povo está tendo... Me fala uma entidade de bem social que está fazendo. Internaram uma pessoa no Bezerra de Menezes, foi lá, tal, a pessoa bebia, a pessoa saiu de lá pior. Saiu *assim*, ó... Ninguém mais faz ação social nenhuma. Não existe mais amor, não existe mais natal, não existe nada. Agora é cada um por si, meu amigão. Pelo menos, é a minha opinião.

B.H. – E sendo um clube esportivo, não um clube de futebol, vocês acompanham basquete, acompanham outras modalidades?

M.L. – Sim. Sim. Eu acho insuportável, mas, às vezes, eu vou. [risos] Às vezes eu vou. Que nem na Copinha mesmo, eu não... ia pouco; nesses jogos, eu fui todos. Chatíssimo, também, os primeiros jogos. Um calor! Eu quase morri assado, lá em Limeira. [risos] Não tinha água, não tinha banheiro. Você vai no campo da Inter de Limeira, que eu fui na final, ficou Palmeiras e Inter de Limeira, que era Richard Drago lá, o presidente dos cara, você é louco, era maravilhoso. Hoje, a Federação Paulista de Futebol conseguiu matar mais um time de futebol paulista. Revela o clube... É Ferroviária, Paulista, você vai nesses estádios, estão horrorosos, acabou, não existe. Como você vai revelar jogador, se não tem o time? Pô. Eu lembro que a gente ia para Limeira, voltava com sacos de laranja. Estava falando de Taquaritinga. Os cara jogou um gambazinho desse tamanho. Então... Hoje não tem mais, pô. Sei lá. Futebol está muito estranho.

B.H. – Com a polícia, algum diálogo além desses de mandar a ficha com o número de instrumentos, esse relacionamento protocolar, ou?...

M.L. – Assim. “Levanta!”; “Senta!”; “Cruza a perna!”.

B.H. – Ordens...

M.L. – É. Acabou. — “Mas é...” — “Não, não, não. Não dá. Fala aí [CT]” — “Não. Mas eu quero levar a bexiga...” — “Não, não, não, porque você vai deixar a bexiga, pode o cara te dar um tapa, você engole... e morre”. [risos] Você dá risada, cara? É assim. É verdade.

Convido vocês a participar de uma reunião. Sendo que toda a direção do batalhão de choque, pelo menos comigo e com a TUP, nós temos um alto relacionamento. Só que é o que ele fala: “Marcelo, não é só a TUP. Se fosse a TUP, eu liberaria quinze instrumentos, que eu sei que você é homem e você...” Porque eu assumo. Eu assumo. É comigo. Não importa o tamanho. A TUP foi gigante, eu era o presidente e era comigo. Porque eu tenho caráter, fala comigo. Tanto que eu evitei várias tragédias de futebol, comigo, sozinho, eu fui lá, conseguia, eu pedia. Eu ajudava, porque é o meu. Eu não estou preocupado com o trabalho da polícia e sim com a segurança dos meus amigos que pode estar lá no meio. Mas a polícia não te dá... A torcida perdeu.. Não estou culpando o batalhão de choque. Nós perdemos a credibilidade com todo mundo. Eu vou prometer para você, “olha, achei da hora que amanhã vai...”, vou estar mentindo. Então você, hoje, você fala uma coisa aqui, amanhã acontece outra. Até você reconquistar a confiança... Porque demora. Mas perder, é um segundo. Então... Só que... “levanta”, “senta”, “entra aqui”... você tem que chegar duas horas antes do jogo, para chegar com o material; o cara revista tudo; se for mulher, as mulheres pega as meninas e... “vai, abre

as pernas...” O bagulho é louco. Você vai, senta com a faixa, você tem que sair, tem a metragem, é sete instrumento, é a baqueta certinho... É um regime militar dentro de uma parte que é cultura, dentro de um país que não... que não existe mais ditadura, não existe mais militarismo, não existe mais a opressão. Mas todos nós estamos sendo oprimido por um jogo de futebol.

B.H. – Vocês, em geral, se deslocam em caravanas de um ônibus, dois ônibus?...

M.L. – Não. Vai... A TUP, hoje, tem ônibus próprio. Antigamente, nós alugávamos vários ônibus. E com tempo, uma viagem para o Rio de Janeiro era cinco horas, hoje é doze horas. “Para, desce, dá dinheiro, faz isso, vem aqui, faz aquilo”. Não estou dizendo que os cara está errado. A gente parava os ônibus para comer, alguns animais, alguns cara desgraçado mesmo, ia roubava. Os cara está roubando a comida ou a bebida. E, tudo isso, foi se fechando as portas. Você para viajar, hoje... você não consegue viajar para o Rio Grande do Sul sem descer do ônibus... você não consegue descer do ônibus, que ninguém abre. Aí, com o tempo, a gente foi... No nosso caso. Cada torcida tem o seu caso. Nós na TUP, o cara roubou, nós fazemos pagar. Se não, a torcida mesmo paga e depois a gente vê com o cara. Aí, depois que nós compramos nosso ônibus, a gente viaja... Fizemos Bahia, depois fomos a Pernambuco, Pernambuco – Bahia, depois voltou, foi para a Argentina. E a torcida paga. Os cara viaja, que não tem dinheiro, a torcida paga a alimentação. Ou cada um paga, cada um adota um cara. O cara está lá, se ele está viajando... Na torcida, acontece muito, os líderes [dormem em pousada], o cara vai lá, come uma chuleta, o outro vai, os cara passa fome. Nós não. Se um não come, não come ninguém. É minha lei. E a gente hoje, graças a Deus, a gente... tem lugares que a gente para, quando vê o ônibus branco e azul, a tiazinha mesmo já abre, já coloca o periquito que ela tem, de espuma, na porta e já vem com o bife, que eu gosto de comer aquele bife à milanesa, ela já vem... Porque nós chegamos lá, eu paro, dou meu documento, “ó, senhora, sou eu, sou responsável”, converso com os caras “não é para roubar nada, que a gente vai pagar”. Se não tem dinheiro, ninguém paga. Ninguém paga o ônibus, não fazemos nada. Mas é cansativo. Viajei muito. E era gostoso. Mas com o tempo, não tem... Hoje, você viaja, você tem que viajar com o extintor do lado, não sabe se os cara vai pôr fogo no ônibus, se o cara vai dar tiro. [risos] Está meio perigoso. Está meio perigoso. Principalmente na sua cidade. [riso]

B.H. – Opa! [riso] Qual é o seu jogo inesquecível, a sua caravana inesquecível?

B.G. – Um postal inesquecível.

M.L. – Meu, eu não sei. Porque pode ter sido inesquecível para os cara, porque os caras só se ferraram. [risos] Não tenho. Para mim, todo jogo... todo jogo fora é... Algumas morte besta, que você acaba de conversar com o cara, no meio da rua, você tomou um tiro. Não tem muito, não. Tem o do Cruzeiro lá, da... Para mim é... virou normal.

B.H. – Banalizou mesmo.

M.L. – É. Para mim é normal, eu viajar, ter que bater em alguém ou apanhar, ou ter que matar. A gente já viaja programado. Passou um passarinho, você já pensa que é uma pedra. Você está no ônibus, passou um passarinho, você... ó... [risos] Não faz isso, mas... fazer o quê. Não muda, não tem... Se a gente vai se comprometer em não fazer aqui, o cara acaba fazendo lá, e a gente vai querer fazer aqui. Então fica um efeito de um... um efeito dominó mas um dominó que nunca acaba, dando a volta no mundo três milhões de vezes, que aquilo não vai acabar. O cara vai, “ah, você me bateu há tanto tempo atrás”, e o cara vai querer te bater. Não existe uma palavra de chega, de basta, não existe. Sempre vai ter um rancor da morte de alguém ou da agressão de alguém, sempre vai ter o rancor da prepotência, da pessoa, do ser humano, da torcida não querer ser menor que o outro; e também não dá oportunidade de ser todo mundo igual. “Ó. Basta! Esquece. Vamos começar daqui”. Ninguém, ninguém vai levantar uma bandeira dessa. Porque o cara vai falar “é muito fácil o cara falar, que não é ninguém da torcida dele”. É muito cara, mas... se tentar, vai parar de morrer. Aí vai parar a reciprocidade, que eles falam. Vai parar de gente se agredir de ponto de ônibus, vai parar de você não ver seu filho no outro dia. Mas quem dera, se eu pudesse. Eu falo, converso, a gente conversa com os caras, “meu negócio é reto”... Nós tivemos uma conversa com o promotor de Justiça Paulo Castilho e com um cara – sei lá o nome – do governo federal aí, que falou que foi para a Alemanha, foi junto com André... Eu até falei: “Foi fazer o que na Alemanha? Comer salsicha, mano? Aqui é Brasil, meu [truta]”. Na moral. Foi lá na Arena Pantanal... Foi fazer o quê? Pescar? Pega aquela merda lá, faz um pasto, faz um frigorífico, faz alguma coisa, põe fogo, explode, pelo menos para sair na televisão. Não serve para nada. Nem time de futebol tem! Aí vem falar *para mim* que foi fazer uma pesquisa lá. Falei: “Dá licença, senhor, desculpa. Foi fazer o que na Alemanha?” Eu perguntei desse jeito. O cara falou assim... Foi fazer o que na Arena Pantanal? Foi pescar? Foi fazer o que lá? Porque não tem futebol. Vende aquela merda lá e faz três, quatro hospital. Com aquele estádio, dá para fazer um hospital em cada cidade; não tem serventia. Só que eu não vou ficar reclamando que nem os blogs não sei daonde, quebrar nada. Movimento organizado aí, você



vai conversar, o povo todo pode até ficar com raiva do que eu vou falar, mas é a pura verdade... Está todo mundo de torcida aqui. A gente, na época, estava bem relacionado com a Mancha. Hoje nós estamos. Parabéns ao presidente Marquinho, que está mantendo a palavra dele, está sendo homem, está tendo caráter de reconhecer, sim, o espaço que a TUP tem, que é uma torcida desde 70. Porém... Mas é difícil a comunicação, porque um não conversa com o outro. Você está chamado para acabar com uma guerra aonde o diálogo não existe. Como você vai acabar com uma guerra se você não conversa, mano? Não tem como.

B.H. – Essa entidade tem...

M.L. – Aí, lembro como se fosse hoje. Você está falando do relacionamento de torcidas. Estava o promotor, estava esse rapaz aí da... sei lá daonde, do Ministério dos Esporte -, até carioca -, que ia fazer um movimento lá em... como se fala? – sindicatos, que... bah, que sabe, que não sei o quê... Conversando —, não entendi nada, nem sabia o que é que ele era; mas é o meu jeito, é o meu jeito —, conversando, o promotor: “Vocês estão sendo dizimados, vocês vão ser dizimados”... O promotor, ele gosta das torcida, ele luta, ainda, ele tem um bom relacionamento ainda. “Vocês estão sendo dizimados, assim, assim. Não acho [natural]. Vai acontecer isso, isso, isso, a cada dia mais” – porque a ideia dele de futebol com uma torcida só é dele, e ele tem a caneta, cada dia... ele é ferrado, ele é bom, o doutor é bom. Ele deixou claro para a rapaziada. Estou falando que eu não minto. Por isso que o menino falou cuidado com o que eu falo. Todo mundo gosta de brigar, amigão. Todo mundo gosta. Não tem essa. Os cara gosta de brigar mesmo. E ele só falou assim: “Olha. Se vocês querem brigar vocês briguem, mas briga longe do holofote. Não atrapalha quem não tem nada a ver. Não atrapalha o municípe”. E os cara falou assim... Aí eu levantei, falei: “Sabe o que é que o cara quer falar para vocês? Para vocês brigar e não abrir a porta da geladeira, para não ter uma... onde tem filmagem, para não ter nada. Pode se matar onde quiser...” Porque os caras quer se matar. Os cara não briga no ringue, os cara não briga de rua? As torcida às vezes quer brigar, marca, se mata lá no lugar, e já era, é problema deles. Como o próprio polícia militar falou: “vai ali, se mata lá, e não enche o meu saco”. Porque está insistência. E ele tinha acabado de falar isso aí. Acabado. Eu falei: “Meus amigos, está liberado, vocês podem se matar, mas escondido. Vai num buraco e se mata”. Passou um tempo morreu um rapaz da Mancha na Anchieta. A reunião foi num dia, passou cinco dia, o cara tinha acabado de pedir “pelo amor de Deus, a opinião pública...” Ele foi até um cara da hora, explicou. O cara tinha acabado de falar isso, sai essa confusão na Anchieta, onde tinha pessoas, família de pessoas vindo para São Paulo,



filho de alguém, aonde todos poderiam ser prejudicado. Então eu falo que as torcidas acabam perdendo a credibilidade. Porque nunca ninguém sabe de nada. Sabe que uma vez eu... Existe o Carandiru, não é? Aquelas rebelião... Na época, as torcida estava. Eu sei que a gente foi tudo preso ali na Rota. Estava indo para jogo, a polícia parou, começou a bater em todo mundo. “O que é que você fez?” – “Nada”. “O que você fez?” – “Nada”. “E você?” – “Sou inocente”. A polícia falou; “Inocente igual a você tem dez mil no Carandiru. Você vai lá, você pergunta “você fez alguma coisa? Você fez?” – “Eu não”. Então... nós sempre somos inocente. Sempre vai se achar. Só que enquanto não tiver... não igualar a concepção, a vontade de tentar fazer uma torcida melhor, é daqui a pior. E é a pura realidade. Eu... sei lá o que eu faço. Eu vou fazer a minha parte. Vou no jogo, faço um samba, aí seca a boca, cansa o braço, porque eu estou velho, [risos] e vou para minha casa. Vou. A gente chega na quadra, a gente começa a coordenar a carona para as pessoa, o horário, mando tirar a camisa, ajudo no bilhete único... Vou tentar fazer a parte que nunca fizeram para mim.

B.H. – Mas você se vê fora da TUP em algum momento?

M.L. – Não, porque eu sou a TUP. [risos] Está no meu espírito. Não tem como. Não existe. Não existe. Não tem quem... vem de família. Porque eu estou na TUP por opção, porque eu gosto, não importa quem esteja na frente. Como eu já saí um monte de vezes e acabou. Eu saía, acabava, roubava, saía, acabava, roubava. Com certeza, para mim... eu sou TUP, eu sou Palmeiras e sou a TUP. Não me vejo fora da TUP porque eu sou a TUP. Não tem muito que... É diferente. Não ganho nada, só me ferro, diferente, uns entram para o comércio, não tenho marca, não tenho nada, mas eu tenho uma coisa comigo: meu sentimento e a minha cabeça erguida, da minha promessa de não ver mais ninguém morrer. Que acho que eu só posso viver longe se alguém da torcida na qual eu pertença, eu não conseguir manter essa palavra. Aí eu falo: Ah. Cansei. Joguei a toalha”. Que é difícil, mano. Você é louco. Você vê os cara chegando lá com tapa na cara, marcado, paulada, sem camisa... É difícil. E você vê cada brutamente, dez, para bater num cara. Você é louco. É difícil. Mas eu gosto.

B.G. – E como é o diálogo com essas outras lideranças que estão surgindo? Você falou que tem uma relação com a Mancha, com Marquinhos. E com as outras torcidas do Palmeiras?

B.H. – Pork’s (Torcida Pork’s Alviverde), Savóia... (Torcida Acadêmicos do Savóia)

M.L. – Nenhum. Nosso relacionamento é com a instituição Mancha Verde, que é o Marquinhos o atual presidente.

B.G. – Mas é uma relação de liderança com liderança.

M.L. – Não. De presidente com presidente. Cada um tem que honrar a sua palavra. Eu honro a minha, ele está honrando a dele. É isso só. E é respeito, que é mútuo. O respeito é acima de tudo no ser humano, então... Para nós, o cara vai na torcida, viajam mesmo, fazem, são da hora, são da hora; mas tem que permanecer o respeito perante o próximo. E as outras torcidas, tem o menino da Pork's, tem.... mas não... Sei lá. É diferente. Hoje, futebol é diferente. Que nem estava falando do Rio. Porra, mano, levei uma bandeira branca com bolinha verde, o meu lençol; o Cléo que pintou ainda, baianinho desgraçado. Lembro que a gente foi com essa Brasília, o pneu furou dezesseis vezes. [risos] E ele gritava: “Ai minha *ussa!*, Ai minha *ussa!*” Teve que comprar dois quilos de mozzarella para ele. Aí, mostro até a foto, depois procuro a foto; está tudo na água assim. Então... essas parte que é boa. O resto não tem... Sei lá. Eu não conheço as outras torcidas, mas eu acho que é diferente. Só *mala*, parceiro. Só *mala*. [risos] Só *mala*. Enfim, até agradeço a oportunidade, mas, foi o que eu falei, não tenho muito que falar, não tenho muita história, porque as histórias tristes eu quero que fique para o lado. Se eu tiver que falar a verdade mesmo aqui, a... o negócio vai cair em cima de mim de novo. Não tenho muito que... A distância dos amigos velho, cada um tem um... Tem cara que tem amizade de... que andaram lado a lado, como você com os seus dedo, a vida inteira. Aí, por culpa de torcida, o cara perde os dedos, o cara vai tirando os dedo. Estou te falando de pessoas que esteve aqui na entrevista, que virou a cara um para o outro por uma simples peça. Que é a única peça que não tem reposição, que não tem conserto, que é a prepotência e a ganância e a falta de humildade. Não tem, cara. Acabou. Cada um foi para sua vida. Então é como você ver, quando passa, “ah. Mamonas Assassinas morreu”, você vê aqueles vídeos, não sei que. É a mesma coisa dos cara. Acabou. Acabou. Então, para mim, tudo que aconteceu é como uma novela mexicana, só vai mudando os atores, o resto... pura falsidade. [riso]

B.H. – Bom, Marcelo, gostaria de te agradecer imensamente pela tua franqueza aqui, ao longo de duas horas, a oportunidade de conhecer a tua trajetória, um pouco das tuas lembranças, tuas opiniões, a tua vivência. Enfim, em nome da FGV e do Museu do Futebol, muitíssimo obrigado por nos conceder esse depoimento.

M.L. – Eu vou te falar, eu que tenho que agradecer. Achei que era até *pegadinha*. [risos] Eu já ia falar “vai encher o saco, mano”. Tanto que só respondi duas coisas. Mas eu vim porque... não porque eu sou um dinossauro do futebol, ia ficar no museu. Não gosto de ter...sou uma pessoa muito... tenho muita opinião para dar, porque as opiniões, ela tem que

estar... em termos de torcida, você tem que pelo menos lutar. Eu não. E hoje não compensa mais você se matar, você lutar. Hoje eu luto por um ideal que é só a torcida na qual eu pertencço. Para mim, o que eu agradeço, tanto que eu me emocionei, porque a hora que eu estava sentado aqui e vi meu filho ali e vi outro menino, e lembrei da história do Tropeço, eu vi... não sei, eu vi todas as pessoas que morreram, foram mutilada, de torcida, tudo sentado aqui, olhando. Tipo assim: fala a verdade, fala a verdade. Então eu olhava... Vocês repararam que eu olhava assim? Uma hora eu olhei, porque eu via todas as pessoas que já não estão mais com a gente, que foi de outro... não importa o time de futebol, porque a torcida esteve, que a torcida ainda está, o clube está, mas a mãe ainda chora a falta do cara. Então é isso que eu ficava olhando. É isso que tem que me dar mais força para mim não ver nenhuma das camisinhas verde aqui. Porque é passado. Só a Deus pertence o futuro. Obrigado.

G.B. – Muito bom. [aplausos]

[FIM DO DEPOIMENTO]